SAÚDE DEPENDENTE DE INSUMOS DA CHINA E DA ÍNDIA, O BRASIL VIVE UMA CRISE NO ABASTECIMENTO DE REMÉDIOS. FALTAM MEDICAMENTOS EM 80% DAS CIDADES

RACISMO O VEREADOR NEGRO RENATO FREITAS E O PREFEITO MARCOS XUCURU FORAM PUNIDOS COM RIGOR. JÁ POLÍTICOS BRANCOS QUE COMETEM CRIMES DE FATO...

ANO XXVIII Nº 1222 R$ 27,90
24 DE AGOSTO DE 2022
9 771809 669002 01222

BOLSONARO INVOCA OS PASTORES NEOPENTECOSTAIS PARA A "GUERRA SANTA" CONTRA LULA. SANTA ESPERANÇA...

CartaCapital
24 DE AGOSTO DE 2022 • ANO XXVIII • Nº 1222

À frente do TSE, Moraes promete ser impiedoso com a indústria da mentira. Pág. 7

Capa: Pilar Velloso. Fotos: iStockphoto, Evaristo Sá/AFP e Ettore Chiereguini/Agif/AFP

ANTONIO AUGUSTO/TSE/AFP E ALE CATANI

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Camila Silva, Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VIDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Beatriz Loss, Caio César e Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: **www.cartacapital.com.br**

basset
editora

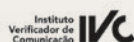
EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar.
CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
COORDENAÇÃO DE MARKETING DIGITAL: Shirley Tavares
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: **http://Atendimento.CartaCapital.com.br**
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: **avulsas@cartacapital.com.br**

CARTAS CAPITAIS

SENTINELA TRAIDOR

Faço minhas as palavras de Mino Carta, pois sabemos que o Supremo é corresponsável pela ascensão de Bolsonaro ao poder, juntamente com a mídia, além dessa elite que só visa o lucro fácil e o bem-estar pessoal. Todos nós sofremos com as ameaças de golpismo e o desgaste de um governo que destruiu o País e promoveu gigantescos retrocessos. Tudo começou com a tal Lava Jato, uma farsa a desnudar um Judiciário politizado, elitista e excludente, que nos trouxe figuras grotescas, a exemplo de Sergio Moro, Deltan Dallagnol, Rodrigo Janot e companhia. Agora, todos os reis estão nus e seus atos permanecerão expostos para toda a história.
Paulo Santos

A ÚLTIMA CARTADA DO CAPITÃO

Quem recebe o Auxílio Brasil sabe que ele termina em dezembro e que Bolsonaro sempre foi contra o Bolsa Família, mas está desesperado pela reeleição.
Mariluz Sganzerla

Até o mais simples dos eleitores percebe que essa bondade, com prazo curto, não passa de golpe eleitoreiro. Ninguém é tão idiota.
Lourinaldo Nóbrega

EM NOME DA LEI

Alexandre de Moraes precisará de força e determinação. A democracia brasileira conta com a sua atuação.
Maria Rosa Rodrigues

O MACHO BOLSONARISTA

Gabriel Monteiro é conhecido. O perigo reside nos ainda não famosos que estão à nossa volta. Está cheio dessa gente por aí.
Rosângela Alves

CRIA CUERVOS

Ao ler a reportagem *Cria Cuervos*, descobri uma grande semelhança entre a trajetória do personagem de Vicente Celestino em *O Ébrio* e a do ex-juiz Sergio Moro. Artista famoso e incensado aqui e fora, *O Ébrio* de Celestino, no início de carreira, experimentou sucesso total. Inebriado, descuidou-se de investir na sua arte e foi se afastando dos palcos famosos, passando a apresentar-se em teatros mais modestos, de público menos sofisticado e exigente, até que foi vaiado em pleno picadeiro de um circo! Com Moro, *mutatis mutandi*, dá-se o mesmo. A partir de seu envolvimento com o capitão, passou a sonhar alto, muito alto. Enxotado do Ministério da Justiça e Segurança Pública, passou a sonhar com a Presidência da República. Mas o que restou do sonho megalomaníaco de Moro? Pouca coisa: escapando-lhe a chance de vir, no futuro, a candidatar-se a presidente da República, rebaixou seu sonho a uma cadeira no Senado pelo Paraná.
Elisabeto Ribeiro Gonçalves

A VOZ DA RAZÃO

O fato de Paulo Skaf ter saído da Fiesp já é um ganho enorme. O atual posicionamento é, sem dúvida, melhor para a democracia e o Estado de Direito.
Marta Dourado

A elite do atraso tenta se adiantar. Tomara que adiante alguma coisa para o povo e para a democracia.
Renata Wilner

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

A Semana

O medo persegue Regina Duarte

A atriz Regina Duarte, ex-secretária de Cultura de Jair Bolsonaro, uniu-se à deputada Carla Zambelli e ao colunista Guilherme Fiúza nas críticas aos colegas que assinaram a Carta aos Brasileiros em Defesa do Estado de Direito, gestada na Faculdade de Direito da USP e subscrita por mais de 1 milhão de cidadãos. "Bate mesmo", escreveu Duarte, ao compartilhar uma postagem da parlamentar, na qual Zambelli e Fiúza criticam os "artistas pró-cartinha". Referiam-se a figuras como Antônio Fagundes, Arnaldo Antunes, Caetano Veloso, Chico Buarque, Fernanda Montenegro e Maria Bethânia. "Que vergonha eu tenho dessa leva", acrescentou a ex-namoradinha do Brasil, uma vez mais receosa de ver Lula eleito. "Como em 2002, eu tenho medo." A jararaca parece realmente intimidar a turma.

Mamata/

Auxílio farda

Em plena pandemia, generais do governo receberam vencimentos que somam 1 milhão de reais

O general Walter Braga Netto, ex-ministro da Casa Civil, o general da reserva Luiz Eduardo Ramos, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência, e o almirante Bento Albuquerque, ex-ministro de Minas e Energia, receberam remunerações que somam até 1 milhão de reais durante a pandemia de Covid-19. De acordo com um levantamento feito pelo deputado federal Elias Vaz, do PSB, no Portal da Transparência, Braga Netto, hoje candidato a vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro, ganhou, em março e abril de 2020, pagamentos que somam 925,9 mil reais. Desse montante, ao menos 119,9 mil reais são de férias remuneradas.

Já o almirante Albuquerque recebeu 1,03 milhão de reais nos meses de maio e junho do mesmo ano. O valor corresponde à soma de 709 mil reais de remuneração, 59,6 mil de férias e mais 268,3 mil de verbas indenizatórias. O general Ramos, por sua vez, faturou mais de 731,8 mil reais na soma de pagamentos feitos em julho, agosto e setembro de 2020, dos quais 537,7 mil são referentes a verbas indenizatórias.

Ao todo, os pagamentos feitos aos militares do governo custaram aos cofres públicos 17 milhões de reais. Em parceria com o também deputado Camilo Capiberibe, Vaz apresentou requerimento ao ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, pedindo explicações sobre o pagamento de remunerações extraordinárias. "É estarrecedor que, em um ano tão difícil para o nosso país, como foi 2020, no auge da pandemia da Covid-19, quando o governo limitou o pagamento de auxílio emergencial a quem estava passando fome, um grupo de privilegiados tenha recebido valores milionários além do salário. É um tapa na cara do povo brasileiro."

O Exército informou que, no caso de Braga Netto, os pagamentos incluem adicionais não recebidos ao longo da carreira e indenização por férias não usufruídas. Com Ramos, os valores entraram no contracheque em decorrência da passagem para a inatividade e de indenizações por férias e licença especial não usufruídas. Os vencimentos, emendam as Forças Armadas, estão fundamentados em instrumentos legais.

24.8.22

TSE/ Fim da arruaça?

Moraes assume a Corte eleitoral e promete ser inflexível com as *fake news*

O ministro Alexandre de Moraes tomou posse, na terça-feira 16, como presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Diante de um certo capitão visivelmente consternado, o magistrado discursou em defesa das urnas eletrônicas e acabou aplaudido de pé pelos mais de 2 mil convidados no plenário da Corte. "Somos 156.454.011 eleitores aptos a votar. Somos uma das maiores democracias do mundo em termos de voto popular, estando entre as quatro maiores do mundo. Mas somos a única democracia do mundo que apura e divulga os resultados eleitorais no mesmo dia. Com agilidade, segurança, competência e transparência. Isso é motivo de orgulho nacional", afirmou, instantes antes de a plateia se levantar para aplaudi-lo.

Durante a cerimônia, Bolsonaro sentou-se ao lado do novo chefe do TSE e se deparou com Lula na primeira fileira da plateia, espaço reservado aos ex-presidentes da República. Alvo constante dos ataques do presidente e da matilha bolsonarista nas redes sociais, Moraes promete ser rígido no combate às *fake news* durante a campanha. Relator de um inquérito instaurado no Supremo Tribunal Federal para coibir a prática, ele já mandou para a cadeia diversos apoiadores do ex-capitão, entre eles o deputado Daniel Silveira, a ativista Sara Winter e o blogueiro Oswaldo Eustáquio, denodados combatentes da rede de mentiras alimentada pelo gabinete do ódio.

Bolsonaro não aplaudiu o discurso

Funai anti-indígena

A comissão externa do Senado que acompanhou as investigações sobre o assassinato do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips aprovou, na terça-feira 16, um relatório que pede o afastamento do presidente da Fundação Nacional do Índio, Marcelo Xavier da Silva. O parecer elaborado pelo senador Nelsinho Trad, do PSD, menciona muitas reclamações sobre a atual gestão da Funai, que passou a atuar como uma "organização anti-indígena". Meses antes da brutal execução da dupla, os indígenas do Vale do Javari, no Amazonas, denunciaram a atuação de uma máfia da pesca ilegal na área demarcada. A Funai não tomou, porém, qualquer providência efetiva. Os parlamentares lembraram, ainda, que Araújo foi exonerado da Coordenação de Índios Isolados e Recém-Contatados logo após liderar uma megaoperação contra o garimpo ilegal.

Memória/ HERÓI DOS FACÍNORAS

MAJOR CURIÓ, LÍDER DA REPRESSÃO NO ARAGUAIA, MORRE IMPUNE

O sargento da reserva Sebastião Curió Rodrigues de Moura, conhecido como Major Curió, um dos mais temidos algozes da ditadura na Amazônia, morreu na madrugada da quarta-feira 17, aos 87 anos. O militar estava internado em um hospital particular de Brasília, mas sofreu sepse e falência múltipla dos órgãos.

Curió liderou a repressão à Guerrilha do Araguaia, no Pará, no fim dos anos 1960 e início da década de 1970. Integrante do Centro de Inteligência do Exército, o antigo CIE, foi um dos oficiais à frente da Casa Azul, um centro clandestino de tortura localizado em Marabá, no sudeste do estado.

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* em 2009, Curió admitiu ter executado 41 dissidentes políticos no Araguaia. Jamais pagou pelos crimes cometidos. Ao contrário, em maio de 2020, Major Curió foi recebido com pompa por Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto e, posteriormente, foi homenageado pela Secretaria de Comunicação da Presidência. A nota divulgada à época dizia que esse "herói" ajudou a "livrar o País de um dos maiores flagelos da História da Humanidade".

O agente confessou ter executado 41 dissidentes políticos à época

REDES SOCIAIS, ISAC NÓBREGA/PR E SÉRGIO LIMA/AFP

A Semana

Europa bate recorde de queimadas

Desde 1º de janeiro, a Europa perdeu 659,2 mil hectares de cobertura vegetal para as queimadas, que se alastram de forma inclemente no verão europeu, com temperaturas superiores a 40°C em capitais como Londres. Trata-se de um recorde para o período desde que os dados dos satélites começaram a ser monitorados, em 2006, pelo Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais, conhecido pela sigla Effis. O clima quente favoreceu a propagação do fogo no continente. Com perda de 265,4 mil hectares de cobertura vegetal, a Espanha é o país que mais sofre com o problema. Romênia e Portugal aparecem em seguida, com 150,5 mil e 76,3 mil hectares devastados, respectivamente.

Colômbia/ A coragem que nos falta

Gustavo Petro troca cúpula militar e exige "violação zero de direitos humanos"

Gustavo Petro ainda não havia completado uma semana como presidente quando anunciou a troca de toda a cúpula militar da Colômbia. A renovação implicará a passagem para a reserva de 22 generais da Polícia Nacional, 16 do Exército, sete da Marinha e três da Aeronáutica. Em cerimônia realizada na sexta-feira 12, ele apresentou os novos comandantes das forças ao lado de seu ministro da Defesa, Iván Velásquez, um jurista reconhecido por sua destacada atuação na defesa dos direitos humanos.

De acordo com Petro, o critério usado para a formação da nova cúpula foi selecionar oficiais com histórico de "violação zero dos direitos humanos e corrupção zero". O governo pretende limpar a imagem dos policiais e militares, bastante desgastada pelas violentas operações de repressão a manifestantes durante a gestão de Iván Duque Márquez.

O novo presidente está ciente de que os generais afastados vão espernear e podem, eventualmente, criar dificuldades nos quartéis. Mas, de forma corajosa, fez aquilo que o Brasil foi incapaz de fazer desde o fim da ditadura, em 1985: submeter as Forças Armadas ao poder civil, como ocorre em todas as nações com democracia consolidada.

Agora, os militares estão submetidos ao poder civil

O índice de julho foi o pior das últimas duas décadas

Argentina/ O FANTASMA RESSURGE

A HIPERINFLAÇÃO VOLTA A ASSOMBRAR O POVO, COM ALTA DE 71% EM 12 MESES

Em julho, a Argentina registrou alta de 7,4% na inflação, a maior variação mensal em duas décadas. Com o resultado, o aumento dos preços chega a impressionantes 71% no acumulado de 12 meses, o pior desempenho dos últimos 30 anos. Não bastasse, as projeções do mercado não são nada animadoras. Para 30 analistas consultados pelo Banco Central, a inflação anual chegará a 90,2%, 14,2 pontos acima da previsão de um mês atrás.

O ritmo atual da inflação na Argentina é o mais alto de todo o continente americano. Enquanto os preços subiram 7,4%, os salários aumentaram apenas a metade (3,5%), corroendo o poder de compra da população. A pouco mais de um ano das eleições gerais, o presidente Alberto Fernández vive uma crise sem precedentes. Em apenas um mês, teve de trocar o ministro da Economia duas vezes. E o atual titular da pasta, Sergio Massa, ainda não anunciou um plano de estabilização. Pior, a política econômica do governo, que recorreu a sucessivos congelamentos de preços, tem sido criticada até mesmo por sua vice, Cristina Kirchner.

MINISTÉRIO DA DEFESA DA COLÔMBIA E LUIS ROBAYO/AFP

_Itaú.

A marca mais valiosa do Brasil, e única brasileira entre as 500 mais valiosas do mundo, segundo o Brand Finance Global.

Em outras palavras: **o Itaú não para.**

O Brand Finance Global 500, ranking tradicional das 500 marcas mais valiosas do mundo, apontou o Itaú como a única brasileira da lista de 2022. A nossa marca teve uma valorização de 28,5% no último ano e também está no topo do ranking no Brasil, com o valor de R$ 36.398 bilhões. Um resultado como esse só é possível porque temos mais de 100 mil Itubers ouvindo, interagindo, trabalhando com milhões de clientes para fazer um Itaú melhor a cada dia. O verdadeiro valor está aí, em evoluir junto com os nossos clientes. São eles que transformam o Itaú.

O Itaú não para porque os nossos clientes não param.

AFRICA

Cruzada cômica

BOLSONARO APOSTA NOS EVANGÉLICOS COM DETERMINAÇÃO IGUAL À DE BARBAROSSA NO CAMINHO DO SANTO SEPULCRO

por MINO CARTA

Pergunto aos meus solertes botões se Pedro, o Eremita, arauto da primeira Cruzada, já chegou incógnito ou ainda espera para contar ao cabo com o espaço devido. De todo modo, estamos no Brasil às vésperas da nona Cruzada, com a diferença de cerca de um milênio entre a oitava e a atual. Ao longo do caminho teremos de lamentar tardiamente o falecimento de Frederico Barbarossa, afogado em um rio traidor a caminho de Jerusalém, tragado pelas águas devido ao peso da armadura teimosamente envergada em qualquer circunstância.

Consta que Barbarossa não perdia a oportunidade de se cobrir de ferro a desafiar o destino. De certos ângulos, Bolsonaro lembra o imperador ao menos na determinação granítica de conquistar as eleições presidenciais de outubro próximo em lugar do Santo Sepulcro. Não lhe falta empenho igual ao do poderoso senhor capaz de mandar no Sagrado Romano Império. A tática do energúmeno demente é, porém, outra, de sorte a convocar os gentios evangelistas a engajar-se na luta.

"Convenhamos, o povo brasileiro oferece a mais aprumada bucha de canhão", observam prontamente os botões, entre jocosos e irônicos. De fato, nada igual existe no mundo à fé dos nativos, embevecidos de olhos mortos na hora de erguer as suas preces, em coros uníssonos, a deixar com inveja incurável correligionários de outras paragens. Milhares de pagadores de dízimo ajoelham-se

Os cruzados de hoje e de anteontem, no imaginário patético de um demente

então, tomados em transe pelo rito, e entoam suas orações que o energúmeno demente acredita soarem a seu favor.

O conjunto da obra propicia um clima hierático de intensa emoção, sem similar mesmo em Milwaukee. Esta ameaça não altera a tranquilidade de Lula: continua a crescer nas pesquisas e reúne condições de ganhar no primeiro turno. Além do mais, não acredita que o Altíssimo pretenda oferecer sua proteção a Bolsonaro neste confronto entre o Bem e o Mal. A situação é francamente patética, mas são poucos os que a encaram desta maneira. Patética e cômica, dada a evidência do papel de cada qual. Nem por isso o maior problema a afligir o povo brasileiro é o espantoso desequilíbrio social, um punhado de ricos e milhões de pobres.

Maldição a agir impávida desde o tempo de casa-grande e senzala. Bastam passeios cariocas, ou paulistas, para meditar em torno da disparidade entre a morada de Scarlett O'Hara e as palafitas do Recife, ou o triste resultado colhido a olhar o panorama da Mangueira de baixo para cima. O cenário desta maneira não vai agradar. Eis a questão, entrave fatal à prática da tal democracia, da qual todos falam sem praticá-la, a despeito da boa-fé de alguns cidadãos abençoados.

Neste momento, a vitória de Lula em outubro próximo vai resolver a questão prioritária. Contudo, o mal do País, até hoje incurável, aí está como prepotente estribilho de um entrecho inacabado, sem chance à vista de chegar ao fim. Tal o andar da carruagem, incerta a respeito do comportamento correto e eficaz das rodas. Para celebrar a posse de Alexandre de Moraes na presidência do Tribunal Superior Eleitoral, todos estavam a postos, de Lula a Bolsonaro, ouvintes da promessa de eleições em plena e total segurança.

Apesar do tom dos meus botões ao se manifestarem a respeito dos sentimentos da grei evangélica, cabe perguntar se esta turba tem vontade de briga. A resposta é fácil: estes pagadores de dízimo não são de enfrentar quem quer que seja. São naturalmente de paz, este é desígnio do próprio Altíssimo aceito com fervor. Ou por outra: não servem para a cruzada bolsonarista, e qualquer mais.

Às vezes, a confiança em falsos profetas e líderes de tertúlias místicas leva os crentes a cometer desatinos, no cumprimento da orientação recebida. Convém lembrar o exemplo de Jim Jones, que arrastou o pessoal até o suicídio coletivo. A aposta de Bolsonaro é realmente digna do demente que diz nos governar.

E a prioridade continua a nos iluminar. Temos de nos livrar com urgência da presença desta figura espantosa e ignóbil, única no mundo atual a ofender a razão tão duramente. Houvesse a necessidade de uma cruzada para o exorcismo definitivo, nos encaminharia para outubro próximo, no momento em que a questão será resolvida, pelo menos no que respeita à penosa presença à testa do País desta lamentável personagem.

De outras coisas o Brasil precisa com urgência e aí, como diria Danny Kaye na interpretação do Inspetor Geral da peça de Gogol, "veremos o que veremos". •

Estas personagens não se parecem

Michelle é mais palatável às mulheres evangélicas

Guerra santa

BOLSONARO INICIA OFENSIVA PARA DEMONIZAR LULA. A CAMPANHA PETISTA VACILA EM RELAÇÃO À MELHOR FORMA DE DIALOGAR COM O ELEITORADO EVANGÉLICO

por MAURÍCIO THUSWOHL

A o considerar apenas a preferência do eleitorado evangélico, Jair Bolsonaro obteve 11,5 milhões de votos a mais que o petista Fernando Haddad no segundo turno das eleições presidenciais de 2018. A diferença nesse segmento foi maior que os 10,7 milhões de votos que separaram os dois adversários na contagem geral e, levados em conta somente os votos válidos, representou um placar de 69% a 31% a favor do ex-capitão, bem mais elástico que o 55,1% a 44,9% registrado no total. Na análise de numerosos especialistas, o católico ex-capitão jamais teria sido eleito presidente se não fosse o apoio massivo dos evangélicos. Desse segmento o então candidato absorveu o discurso religioso ao longo da campanha ao mesmo tempo que os pastores inflamavam os ouvidos dos fiéis com notícias falsas, entre elas a distribuição de um suposto *kit gay* nas escolas públicas, quando Haddad era ministro da Educação.

Quatro anos depois, é novamente a aposta no voto evangélico que move Bolsonaro na tentativa de levar a disputa ao segundo turno, uma vez que Lula, segundo a pesquisa Ipec divulgada na segunda-feira 15, véspera do início oficial da campanha, ainda pode liquidar a fatura na primeira etapa. Mais uma vez apoiado por Silas Malafaia, Edir Macedo, Marcos Feliciano e outros influentes pastores midiáticos, Bolsonaro, atualmente no PL, busca beneficiar-se de uma ofensiva que passa pela demonização – metafórica e literal – de Lula e do PT. Neste início de campanha, o discurso de ódio tem na primeira-dama Michelle Bolsonaro seu principal vetor e nas últimas semanas tem ganhado força nos sermões e grupos de WhatsApp com uma profusão de *fake news* e mensagens de intolerância religiosa.

A PRIMEIRA-DAMA É A PRINCIPAL ARMA DO CAPITÃO PARA RECONQUISTAR OS FIÉIS DESILUDIDOS COM SEU GOVERNO

De acordo com o Ipec, Bolsonaro parece colher os frutos dessa ofensiva: 47% dos eleitores que se identificam como evangélicos disseram ter a intenção de votar por sua reeleição, enquanto 29% afirmaram preferir Lula. Em votos válidos, a distância entre os dois candidatos cresce, com 56% para Bolsonaro e 35% para Lula. Segundo o instituto, 28% do total de entrevistados se declararam evangélicos, aí incluídas as diversas denominações. O resultado nesse segmento é bem diferente daquele registrado em dezembro pelo Datafolha (39% a 33% a favor de Lula) e acendeu o sinal de alerta no comando da campanha do petista, que parece ainda não ter encontrado a forma adequada de dialogar com essa parcela de eleitores.

A vantagem que Lula apresentava na virada do ano é atribuída por pesquisadores ao setor denominado como "eleitorado evangélico oscilante", ou seja, aqueles que votaram em Bolsonaro em 2018, mas não são ultraconservadores ou radicalizados e estão desiludidos ou frustrados com seu governo. "Essa parcela se sente atraída por Lula pela questão da memória e do legado econômico, mas seu voto ainda não está definido", observa a socióloga Esther Solano, coordenadora de uma pesquisa qualitativa sobre o tema realizada pelo Observatório Democracia em Xeque. "Esse eleitor olha para o Lula e lembra que vivia melhor, tinha mais dignidade econômica. Mas também olha para Bolsonaro e se sente mais atraído pela questão dos costumes e pela agenda moral."

Trata-se, portanto, de um grupo decisivo para definir os rumos da eleição. Nessa corrida, Bolsonaro largou na frente enquanto a campanha petista ainda procura acertar o passo. "Nas últimas semanas, percebemos que há um movimento orgânico e militante pelo voto em Bolsonaro em algumas igrejas evangélicas, principalmente nas pentecostais e

Bolsonaro é apoiado por Silas Malafaia e outros pastores midiáticos

ISAC NÓBREGA/PR E MAURO PIMENTEL/AFP

neopentecostais. De um lado, há um discurso messiânico em relação a Bolsonaro, que seria o legítimo representante dos cristãos no Brasil. De outro, um discurso muito forte de demonização do PT e de Lula", afirma Solano. O principal boato espalhado nos últimos dias nos cultos e grupos de WhatsApp afirma que, se eleito, Lula mandará fechar os templos evangélicos. Outra *fake news* muito difundida dá conta de que os pastores serão obrigados pelo governo do PT a casar pessoas do mesmo sexo durante os cultos.

"Conversamos sobre o risco de perseguição que pode culminar no fechamento de igrejas", admitiu no domingo 14 o deputado federal Marcos Feliciano, do PL, pastor da Assembleia de Deus. Embora não haja proposta alguma de fechamento de igrejas, o que, inclusive, seria inconstitucional, a mentira é repetida à exaustão nos templos de outras denominações, como Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Internacional da Graça, Renascer em Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Sara Nossa Terra e Presbiteriana. O objetivo é manter Lula no alvo. "Tenho que alertar meu rebanho de que há um lobo nos rondando, que quer tragar nossas ovelhas através da enganação e da sutileza", resume Feliciano, que voltou à carga na terça-feira 16 ao dizer que Lula "usará a Receita Federal" para perseguir as igrejas. Não por coincidência, no dia seguinte, Bolsonaro anunciou a ampliação dos benefícios fiscais aos pastores, isentos do recolhimento de contribuição previdenciária.

De norte a sul do País, multiplicam-se *outdoors* com *fake news* para demonizar a esquerda

Alguns vídeos que circularam nas últimas semanas no WhatsApp são de dar inveja à incrível história da "mamadeira de piroca" difundida em 2018 entre os evangélicos. Um deles mostra uma suposta escola de "cidade governada pelo PT" na qual meninos e meninas de diferentes idades frequentam o mesmo banheiro sob o incentivo de professores "de esquerda". Em outro vídeo, mulheres de biquíni defendem o poliamor e os relacionamentos abertos e são identificadas como "feministas do PT". Às vésperas do início oficial da campanha, a demonização ganhou as ruas. Em Goiânia, Porto Alegre e Ribeirão Preto foram publicados *outdoors* nos quais aparecem lado a lado um Lula carrancudo sobre fundo vermelho e enfumaçado e um Bolsonaro com a expressão plácida sobre um verde patriótico. Abaixo das imagens são dispostas em oposição palavras como aborto e vida ou bandido preso e bandido solto, entre outras. O grupo Prerrogativas, que reúne advogados e juristas progressistas, fez uma representação contra a propaganda no TSE.

Atento ao dia a dia político das principais igrejas evangélicas do País, o jornalista Gilberto Nascimento, autor do livro *O Reino: a História de Edir Macedo e Uma Radiografia da Igreja Universal* (Cia. das Letras), avalia que a campanha de Lula não dá a devida atenção ao potencial nefasto do material divulgado. "É muita *fake news* e muita informação distorcida. Há fiéis evangélicos que meses atrás tendiam a votar no PT e falavam que Lula fez mais pelos mais pobres, mas que agora têm colocado essa questão moral como uma dificuldade", observa. Ele dá exemplos: "Esta semana conversei com dois influentes evangélicos neopentecostais que antes eram pró-Lula, mas agora estão dizendo assim: quero votar no Lula, mas não posso concordar que o pastor seja obrigado a casar pessoas do mesmo sexo nem que as crianças nas escolas sejam orientadas a se tonarem ho-

REDES SOCIAIS E RICARDO STUCKERT

mossexuais. Tudo isso está sendo difundido de uma maneira muito intensa nos cultos e grupos de WhatsApp".

No PT, uma disputa interna se dá em torno do pastor Paulo Marcelo Schallenberger, ligado à Assembleia de Deus e alçado à condição de responsável por "organizar a interlocução" da campanha de Lula com os evangélicos a partir da produção de um *podcast* e outras peças de mídia dedicadas ao segmento. Setores evangélicos do PT e dos movimentos sociais criticam a escolha de Schallenberger, que não tem histórico de militância progressista e, entre outras coisas, propôs que Lula, assim como Bolsonaro, adotasse um salmo da Bíblia como lema de campanha: "O pastor não é o nome ideal e sua saída deve ser confirmada nos próximos dias", afirma uma fonte na direção petista. Entre os progressistas, a percepção é a de que Lula erra ao tentar repetir uma abordagem ao estilo Malafaia. "É grave não entender que há evangélicos aliados à candidatura e que estão na caminhada contra a barbárie que se instalou no País. Eles não conseguem reconhecer esses aliados e tratam todos nós evangélicos como se fôssemos manipulados pelo voto das lideranças midiáticas", diz Valéria Zacarias, coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito.

ENTRE OS EVANGÉLICOS, BOLSONARO LIDERA COM 47% DAS INTENÇÕES DE VOTO, SEGUNDO O IPEC. LULA FIGURA COM 29%

Nome mais conhecido do PT entre fiéis de diversas denominações, a deputada federal Benedita da Silva, coordenadora do Núcleo de Evangélicos do partido e tradicionalmente uma opositora à mistura de política e religião, defende o debate travado no dia a dia como melhor forma de conquistar o voto do segmento: "É esclarecendo as verdadeiras causas do sofrimento do povo que estamos chegando à base evangélica. Temos de mostrar que Lula fará o que já fez em seus dois governos, garantindo emprego e comida na mesa do povo e respeitando a liberdade religiosa assegurada pela Constituição". A deputada repudia as *fake news*: "Basta ver os anos de governo do Lula e da Dilma para constatar que eles nunca perseguiram evangélicos nem fecharam nenhuma igreja".

No comando da campanha existe a consciência de que Lula tem de trabalhar para vencer no primeiro turno e que para isso todo apoio é importante. Em poucos dias, a candidatura petista pôde comemorar as adesões do Avante de André Janones e do PROS, esta última confirmada na terça-feira 16, após algumas idas e vindas na Justiça. Com dez partidos em sua coligação, reverter a ofensiva bolsonarista entre os evangélicos parece ser uma das prioridades do ex-presidente para garantir o que falta de apoio para bater Bolsonaro logo de

Lula conta com poucos pastores progressistas, a exemplo de Henrique Vieira. A esposa Janja virou alvo da intolerância religiosa

cara: "Haverá um esforço para dar visibilidade às lideranças evangélicas que apoiam Lula e disseminar informações positivas sobre seu governo que, por exemplo, aprovou as leis de Liberdade Religiosa e do Dia Nacional da Marcha para Jesus", diz um dirigente do PT.

Pontos fracos de Bolsonaro reconhecidos pelas eleitoras evangélicas foram identificados por pesquisas qualitativas realizadas pelo comando da campanha petista e serão explorados. Entre eles, "ser desumano", "ser grosseiro com as mulheres" e "não gostar de trabalhar". A estratégia de Lula é impedir que o elevado índice de rejeição de Bolsonaro sofra uma queda significativa. Nos próximos dias, serão agendados os primeiros encontros com lideranças evangélicas nacionais. Entre os nomes especulados estão o do pastor Manoel Ferreira, presidente vitalício da Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Brasil, e o de seu filho, o também pastor Abner Ferreira. Não se trata de conquistar apoio, mas de esclarecer as posições da campanha e reduzir o impacto das *fake news*.

Enquanto a nova estratégia não é adotada, o PT joga na defensiva. Nas redes sociais circula uma imagem com Lula juntando as mãos em forma de oração e a mensagem: "O bolsonarismo volta a mentir para espalhar terror entre as pessoas de fé". A peça publicitária também afirma que Lula "respeita todas as religiões" e "não vai fechar as igrejas". Em vídeo, a presidente nacional do partido, Gleisi Hoffmann, afirmou que, "por não ter propostas para o povo brasileiro", Bolsonaro recorre às *fake news*: "Mistura política com religião e tenta usar a fé das pessoas para ganhar votos. Será que eles acham mesmo que convencerão o povo de que Lula vai atacar a liberdade religiosa, o direito de culto e a família?", pergunta a dirigente, antes de elencar as leis aprovadas durante os governos do PT.

Feliciano é um dos que acusam Lula falsamente de pretender fechar as igrejas

Um dos flancos de ataque mais pesados – e que deverá ser exaustivamente explorado por Bolsonaro durante a campanha – tem como alvo a mulher de Lula, a socióloga Rosângela da Silva. Tudo começou quando Janja, como é conhecida, postou uma foto vestida de branco ao lado de imagens de orixás de religiões de matriz africana com os dizeres "Saudades de vestir branco e girar, girar, girar...". Em seu ato inaugural de campanha realizado em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, na terça-feira 16, Lula reagiu: "Bolsonaro é um fariseu, está tentando manipular a boa-fé de homens e mulheres evangélicos que vão à igreja tratar de sua fé e de sua espiritualidade", disse. Em outro momento, o petista rebateu as notícias de que ele e Janja teriam "vendido a alma" para vencer as eleições: "Se tem alguém que é possuído pelo demônio é esse Bolsonaro".

A "notícia" sobre as almas vendidas inundou os grupos bolsonaristas depois que Michelle Bolsonaro compartilhou em 9 de agosto um vídeo da participação de Lula em cerimônia realizada por uma das mais tradicionais casas de umbanda do Brasil. O malicioso comentário da primeira-dama – "Isso pode, né? Eu falar de Deus, não" – somou-se ao *post* original da vereadora paulista Sonaira Fernandes, do Republicanos, que escreveu: "Lula já entregou sua alma para vencer essa eleição" e bombou nas redes sociais. Em contraponto à "macumbeira" Janja, Michelle é

PT NA CÂMARA, REDES SOCIAIS E EVARISTO SÁ/AFP

a principal aposta de Bolsonaro para deslanchar de vez no eleitorado evangélico e tem protagonizado momentos em que política, religião, misticismo e preconceito se misturam, como o discurso "em transe" no lançamento da candidatura do marido no Maracanãzinho ou as sessões de orações noturnas para livrar o Palácio do Planalto do demônio, que, segundo a primeira-dama, ali habitava até 2018. A maior parte do eleitorado, dizem as pesquisas, discorda do recorte temporal feito por Michelle Bolsonaro. Para muitos, o capeta ocupou o palácio quatro anos atrás e ainda não saiu de lá.

Segundo Solano, a aposta pode dar certo porque Michelle tem mais legitimidade para falar como cristã do que o próprio Bolsonaro. "Ela utiliza o léxico cristão de uma forma muito natural e é o rosto gentil do bolsonarismo. Também não apresenta alguns defeitos que são muito criticados na base evangélica, como a intolerância de Bolsonaro ou a sua falta de compaixão e humanidade.

LULA, EM RESPOSTA AOS ATAQUES: "SE TEM ALGUÉM POSSUÍDO PELO DEMÔNIO É ESSE BOLSONARO"

Captamos em nossa pesquisa que há grupos evangélicos que criticam muito isso, mas Michelle consegue de fato dialogar com aqueles bolsonaristas evangélicos mais moderados que não gostam da face violenta do bolsonarismo. Ela tem uma cara mais humana e consegue se conectar com essa base desiludida."

A religião também foi um dos temas principais no primeiro comício da campanha de Bolsonaro, realizado em Juiz de Fora, cidade mineira onde o ex-capitão foi esfaqueado em 2018. Chamada para o alto do trio elétrico ao fim do discurso de Bolsonaro, Michelle foi ovacionada antes de entabular um discurso repleto de referências a Deus e à luta do Bem contra o Mal. "O povo brasileiro será liberto da mentira e do engano. Peço sabedoria ao povo de Deus, para que não entregue o País nas mãos de nossos inimigos", disse. Apresentada pelo marido como "a pessoa mais importante neste momento", a primeira-dama também voltou a insinuar que a esquerda teria participação no atentado praticado por Adélio Bispo, possibilidade descartada pelo inquérito da Polícia Federal: "Aqueles que deram a facada são os mesmos que agora pregam o amor e a pacificação".

Solano aponta três dificuldades que a candidatura de Lula terá para confirmar o voto do eleitorado evangélico oscilante. A primeira é vencer o estigma causado pela campanha de demonização. A segunda é estabelecer canais de comunicação mais efetivos. "Eles têm uma militância orgânica territorial nas igrejas e o PT não tem como se equiparar a isso". A terceira dificuldade é saber utilizar o léxico cristão pentecostal. "Não se pode falar de feminismo ou de pautas que são caras ao campo progressista como direitos humanos ou liberdade religiosa." Para a socióloga, a campanha de Lula vive hoje um dilema em relação aos evangélicos: "Se entrar nos temas conservadores e na pauta moral e comportamental, terá uma dificuldade muito grande de enfrentar o aparato dos pastores que pautam esse debate. E se não entrar, os deixará falando sozinhos com toda essa carga demonizadora".

Para Valéria Zacarias, é preciso trazer o discurso para a realidade cotidiana. "Ninguém é somente evangélico. O indivíduo evangélico também é afetado pelo alto custo de vida, pelo desemprego e pela violência nas comunidades. Esses seriam os pontos de aproximação que minariam as forças das lideranças midiáticas comprometidas com esse projeto de poder que está reinando de forma absoluta no Brasil." Ela pede pressa: "Há caminhos, mas o tempo está ficando curto. É preciso acordar, mas ainda não é tarde para fazer essa disputa". •

O pastor Schallenberger assessora a campanha petista. Benedita da Silva cobra maior engajamento

Os caminhos do demônio

O SISTEMA DE DESINFORMAÇÃO E *FAKE NEWS* ENCONTRA TERRENO FÉRTIL NO BRASIL

por ELIARA SANTANA*

Em um culto em Belo Horizonte para homenagear um pastor, no começo de agosto, a primeira-dama Michelle Bolsonaro, ao lado do marido, disse que há no Brasil uma "guerra do Bem contra o Mal", e que o Palácio do Planalto já foi um lugar "consagrado aos demônios". Também em agosto, o pastor bolsonarista Marco Feliciano disse que o PT é a expressão do Mal e que, se ganhar, Lula vai fechar templos e igrejas e calar os pastores. O jornal *Folha Universal*, no ano passado, fez vários editoriais, nos quais compara o ex-presidente ao demônio e ao Mal. Em janeiro deste ano, circulou pelas redes sociais um vídeo editado para simular uma "conversa" do petista com o diabo.

A ideia do demônio, como vemos, volta com força à cena nacional e ao processo eleitoral, por meio de vários atores. Uma ideia forte que se alinha muito bem ao potente sistema de desinformação que sacode o Brasil com intensidade, desde as eleições de 2018. Nesse contexto, quero convidá-lo a percorrer o caminho da construção discursiva do demônio no escopo do ecossistema das *fake news* para entendermos, porque, de fato, ele é um "personagem" importante.

O Brasil tem vivenciado, desde as eleições de 2018, a intensificação de um processo de desinformação que se torna pouco controlável a partir de 2020, com a pandemia de Covid-19. Nesse contexto, a desinformação precisa ser entendida como um fenômeno estruturado, intencional, que se consolida nas sociedades contemporâneas, tem fortes impactos em vários contextos – social, político, econômico, de saúde – e compromete seriamente o funcionamento da esfera pública.

O ecossistema brasileiro de *fake news* tem, no entanto, características bem marcantes: aporte e sustentação do Poder Público e de setores do empresariado, grande financiamento, produção intencional e profissional de conteúdo falso envolvendo diversos atores (por exemplo, *sites* com estrutura de produção de conteúdo, influenciadores que recebem benesses, representantes do Poder Público, entre outros) e enorme capilaridade para disseminar o conteúdo. Esse ecossistema, que nada tem de aleatório ou casual, encontrou no País um campo bastante fértil para se desenvolver (lembrando que a capilaridade envolve a interface com outros sistemas, portanto, não se trata somente de "espalhar conteúdo" pela internet). É um ecossistema que, com essas características, tem conseguido causar enormes estragos ao Brasil, em vários setores. Neste momento, contribui para tumultuar bastante o processo eleitoral.

E, EM MOMENTOS DE INCERTEZAS, MEDO DO FUTURO, PRECARIZAÇÃO DA VIDA, A IDEIA DE UM MAL A COMBATER TEM O SEU APELO

O fenômeno das *fake news*, em seu ecossistema brasileiro, não se esgota, portanto, na disseminação das notícias falsas ou falseadas. Há um processo de produção profissional de conteúdo que envolve muitos atores e financiamento. Além disso, esse ecossistema se retroalimenta e está em interface com outros, como o de informação (tradicional, mídia corporativa) e o religioso, numa capilaridade gigantesca.

E então voltamos ao demônio da primeira-dama e seu papel nas eleições. O

Livrai-nos do Mal, amém

DOUGLAS MAGNO/AFP

demônio, como construção discursiva, liga-se à ideia de um inimigo poderoso que precisa ser combatido. Nós, ao nos comunicarmos, não pronunciamos palavras somente – pronunciamos verdades ou mentiras, coisas boas ou más, certezas inquestionáveis, pois a palavra comporta valores e crenças e visões de mundo. Portanto, o demônio trazido à tona recentemente pela primeira-dama e por outros funciona muito bem nesse ecossistema de *fake news*, pois o termo cristaliza a ideia de um inimigo a combater a partir de um apelo a valores cristãos num cenário de disputas polarizadas.

Essa ideia se consolida e se espalha por várias instâncias, numa retroalimentação que envolve diversos sistemas – o demônio como ideia não se restringe à fala de Michelle naquele momento no culto, mas se espalha pelas redes sociais, pelos *sites* bolsonaristas, pela pregação do pastor na igreja, pelos artigos no jornal de maior circulação no País (que é da igreja). Portanto, não é uma expressão aleatória nem um demônio qualquer – é uma entidade capaz de provocar os eleitores religiosos ainda indecisos, ou que estavam prontos a migrar para outros candidatos que não Bolsonaro, e interpelar fortemente esse eleitor naquilo que é sua crença ou seu medo.

As categorias religiosas não são levadas aleatoriamente para o discurso num país bastante religioso como o Brasil. Elas dialogam de perto com as crenças, os valores, os medos, as incertezas dos fiéis, e por isso são tão presentes no escopo das *fake news* – vale lembrar que a visão de mundo dos indivíduos não é racional todo o tempo. E, em momentos de incertezas, medo do futuro, precarização da vida, a ideia de um demônio a combater pode ser efetiva.

No bem estruturado ecossistema brasileiro de *fake news*, essas construções discursivas encontram um caminho para se consolidar, para se dissipar, para se reproduzir, para alcançar mais e mais brasileiros, fortalecendo-se contra os desmentidos e provocando a manifestação apenas reativa e tardia dos atingidos. Portanto, é imperioso entendermos o demônio de Michelle no cenário de um acachapante sistema de desinformação, estruturado e estruturante. Uma ideia de Bem contra o Mal, de combate ao inimigo que destrói famílias, ideia trazida por uma mulher jovem, defensora da família, que se posta ao lado do marido presidente, aquele que perdeu uma parte expressiva do eleitorado feminino exatamente por ser abertamente machista e misógino. Sobretudo, o discurso que traz o demônio à cena nacional serve muito bem para consolidar a agenda ultraconservadora da extrema-direita e para tirar o foco de temas e pautas que realmente interessam ao País e que deveriam estar mais presentes no debate: fome, desemprego, economia estagnada, aumento acentuado da depressão na população, corte de verbas públicas para a educação e a saúde, entrega da Petrobras e privatização da Eletrobras, entre tantas outras.

Por ora, metaforicamente ou não, o capeta está roubando a cena no Brasil de Bolsonaro. •

**Eliara Santana é jornalista, doutora em Linguística e Língua Portuguesa, com foco na Análise do Discurso. É pesquisadora do Observatório das Eleições (INCT IDDC), pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) e pesquisadora do grupo de estudos Multilinguismo e Interculturalidade no Mundo Digital (CLE/Unicamp).*

Este artigo foi elaborado no âmbito do projeto Observatório das Eleições 2022, uma iniciativa do Instituto da Democracia e Democratização da Comunicação. Sediado na UFMG, conta com a participação de grupos de pesquisa de várias universidades brasileiras. Para mais informações, ver: www.observatoriodaseleicoes.com.br.

A tramoia das urnas

COM APOIO DE WALTER DELGATTI E DOS MILITARES, BOLSONARO PARECE DISPOSTO A PATROCINAR A VIOLAÇÃO DO SISTEMA ELEITORAL

por ANDRÉ BARROCAL

Jair Bolsonaro passou raiva na posse de Alexandre de Moraes na presidência do Tribunal Superior Eleitoral. Ouviu visivelmente contrariado o ministro chamar as urnas eletrônicas de "orgulho nacional" e arrancar aplausos da plateia. Deve ter se arrependido de aceitar o convite para a festa, entregue a ele na noite da quarta-feira 10. Na manhã do dia em que abrira o gabinete a Moraes, o capitão recebera logo cedo, no Palácio da Alvorada, Walter Delgatti Neto, o *hacker* mais famoso do Brasil. Conhecido como "vermelho", em razão da barba e do cabelo ruivos, o responsável por expor o concubinato do então juiz Sergio Moro com os procuradores da Operação Lava Jato de Curitiba estava sumido. No fim de julho, tinha declarado voto em Lula. Por que diabos aceitou falar cerca de duas horas com o presidente?

Participar de uma conspiração contra as urnas menosprezadas por Bolsonaro e exaltadas por Moraes é um bom palpite. Há pistas para suspeitar que o candidato à reeleição parece disposto a violar, com auxílio do Exército, o sistema eleitoral do TSE, para "provar" que as urnas são fraudáveis e, assim, melar a eleição. Melar o jogo é o que querem certos endinheirados bolsonaristas. Em um grupo de WhatsApp criado no ano passado com o nome de "Empresários & Política", circulam mensagens que dizem ser melhor um "golpe de Estado" do que a volta de Lula, conforme revelado pelo jornal *Metrópoles* na quarta-feira 17. José Koury, dono do *shopping* fluminense Barra World, defende a quartelada. Para André Tissot, do Grupo Sierra, "o golpe teria que ter acontecido nos primeiros dias de governo". Marco Aurélio Raymundo, das lojas Mormaii, acredita que "golpe foi soltar o presidiário", em referência a Lula. Luciano Hang, o *véio* da Havan, acha que reeleger Bolsonaro porá fim a "vagabundos". Ele é um dos alvos de investigações em curso no Supremo Tribunal Federal a respeito das milícias digitais. Moraes, o relator dos inquéritos, está convencido de que os milicianos são uma quadrilha formada, entre outros, por um núcleo financiador. Tomará providências contra os engravatados golpistas, como pediu o senador Randolfe Rodrigues?

O *HACKER* DE ARARAQUARA, RESPONSÁVEL POR REVELAR AS CONVERSAS DE MORO E DOS PROCURADORES, SENTE-SE MENOSPREZADO POR LULA

De volta a Delgatti e às pistas sobre o desejo de violar o sistema de votação e apuração do TSE. O *hacker* foi levado a Bolsonaro pela deputada Carla Zambelli, do PL (a propósito, um dos padrinhos do casamento da parlamentar foi Moro, desmascarado pelo novo amigo). Um carro enviado por Zambelli pegou Delgatti em Ribeirão Preto, em 7 de agosto, um domingo, e o levou a Brasília, viagem de 700 quilômetros. Dois dias depois, o *hacker* e a deputada reuniram-se com Valdemar Costa Neto, o presidente do PL, na sede da sigla. Foi na véspera do encontro de Delgatti com o capitão. Na conversa no QG do partido, falou-se da segurança das urnas eletrônicas, segundo uma testemunha, o advogado Ariovaldo Moreira, que até aquela data defendia o *hacker*.

Ao jornal *GGN,* Moreira disse que Delgatti "entende que é possível fraudar as urnas". Estas não estão ligadas à internet, seria preciso invadi-las fisicamente, por meio de um *pen drive,* por exemplo. Um trabalho monumental, pois a eleição deste ano terá 577 mil urnas. Bastaria, porém, violar umas poucas e Bolsonaro se encarregaria da confusão. À revista *Fórum*, Moreira afirmou que no papo no PL cogitou-se de Delgatti juntar-se às Forças Armadas na fiscalização das urnas. Os militares são outra fonte de desconfiança sobre as intenções presidenciais de melar a eleição. Em março, o Exército selou um acordo com uma empresa israelense de segurança cibernética, a CySource. Israel é país de ponta em espionagem e Tecnologia da Informação. O trato, vigente desde junho e válido por um ano, foi costurado pelo embaixador brasileiro em Tel-Aviv, Gerson Menandro Garcia de Freitas, general da reserva nomeado por Bolsonaro em 2020. O proje-

A deputada Zambelli agora estende o tapete vermelho ao *hacker* que desmoralizou Moro, seu padrinho de casamento. *O tempora, o mores*

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS E MARCOS CORRÊA/PR

to é levado adiante pela área de Defesa Cibernética do Exército, chefiada por outro general, Heber Garcia Portella, integrante da comissão criada pelo TSE para atestar a confiança do sistema eleitoral.

Pelo acordo, a CySource ensinará a turma verde-oliva a ser, digamos, *hackers* do bem. Veja-se o que disse à época de sua assinatura um dos instrutores da empresa, Lili Rosenberg, a um *site* brasileiro dedicado a tecnologia, o ItForum: "Consiste em treinar pessoas para que entendam como um *hacker* mal-intencionado atua, quais são as técnicas que ele usa e simular um ataque para antecipar esses agentes e prevenir as entradas". Rosenberg nasceu em São Paulo, mas estudou e mora em Israel, e é um dos vários brasileiros da CySource. Outros dois são ex-tenentes do Exército: Luiz Katzap, gerente de vendas, e Hélio Cabral Sant'ana, um dos executivos. No início da gestão Bolsonaro, Sant'ana foi diretor de Tecnologia da Informação da Presidência. Quando o jornal *Brasil de Fato* noticiou, em maio, que ele e Katzap estavam no negócio, o procurador Lucas Furtado pediu uma investigação do acordo ao Tribunal de Contas da União, órgão auxiliar do Congresso na vigilância do governo. Como tudo tinha sido feito após o general Portella entrar na comissão do TSE, Furtado suspeitava que o Exército havia sido usado "para atender a um capricho de Jair Bolsonaro, que, de forma insistente, tem questionado a segurança das urnas eletrônicas e dos procedimentos de apuração eleitoral" do TSE. Seria, segundo o procurador, um desvio de finalidade a justificar o exame com lupa do contrato.

O general Portella chefia a área de Defesa Cibernética do Exército e integra uma comissão do TSE. Delgatti poderia prestar serviços a ele, como se articula no Palácio da Alvorada?

A corte de contas não deu bola e acaba de encerrar o assunto. Melhor para Bolsonaro e seus fardados. "Os militares são os responsáveis pelos quatro níveis do Sistema de Defesa Cibernética do Brasil. O general Heber Garcia, comandante de Defesa Cibernética, firmou parceria com a empresa israelense CySource. Você acha mesmo que eles não sabem onde está o problema? Acorda!" Palavras de um tuíte de 12 de julho de um empresário bolsonarista, Alan Lopes, candidato pelo PL a deputado estadual no Rio de Janeiro. No dia do tuíte, a mídia havia noticiado que as Forças Armadas planejam um esquema especial de fiscalização das urnas, fato festejado por Lopes e, sabe-se agora, uma oportunidade para Delgatti colaborar com o presidente.

Antes de voltarmos ao *hacker*, um último detalhe sobre a CySource. Um dos fundadores é Amir Bar-El, ex-agente do Mossad, o serviço secreto de Israel. Bar-El tinha sido gerente de negócios de outra companha israelense de cibersegurança, a NSO. Esta se viu metida em um escândalo de espionagem em abril do ano passado. Um *software* desenvolvido pela NSO, o Pegasus, fora usado para espionar autoridades pelo mundo. A ferramenta permite invadir celulares, por exemplo. O governo esteve a ponto de comprá-la quando o escândalo estourou e abortou o sonho de Carlos Bolsonaro, o miliciano digital-chefe. Havia uma licitação do Ministério da Justiça em andamento, a 003/2021, cujo valor inicial era de 25 milhões de reais, para adquirir um equipamento semelhante ao Pegasus. A NSO ofereceu o seu por 60 milhões, mas depois desistiu da licitação. O vencedor da concorrência foi a Harpia, fornecedora de *software* similar.

Delgatti faria a festa com um equipamento desses. O *hacker* sente-se desprezado por Lula, de quem se considera salvador, e parece disposto a forçar a barra em busca de alguma recompensa. É a hipótese para explicar a razão de ter se bandeado para o lado de Bolsonaro. Em 28 de julho, o *hacker* disse à *Fórum*: "Não só voto, como peço que votem no Lula, faço campanha. Vou apertar 13". No mesmo dia, Ariovaldo Moreira, ainda seu advogado, acertou uma entrevista do cliente ao jornalista Matheus Pichonelli, do UOL. A Pichonelli, Delgatti disse: "Eu invadi o Lula". Teria obtido algo comprometedor em algum celular ou *e-mail* do ex-presidente? Algo pelo qual Bolsonaro pagaria? Na entrevista, mostrou-se aborrecido por nunca ter ouvido do ex-presidente uma palavra

VIOLAR ALGUMAS URNAS SERIA PRETEXTO SUFICIENTE PARA BOLSONARO APONTAR A "FRAUDE" NO PROCESSO ELEITORAL

de agradecimento: "O Daniel Silveira fez muito menos pelo Bolsonaro do que eu fiz pelo Lula". Silveira é aquele deputado condenado a oito anos de cadeia pelo Supremo que ganhou anistia do capitão. O senador Renan Calheiros, do MDB de Alagoas, é autor de uma lei para anistiar Delgatti, mas a proposta, de fevereiro de 2021, nunca andou.

O *hacker* é réu desde janeiro de 2020, em razão da obtenção das mensagens de celular trocadas por Deltan Dallagnol com Moro. Seu processo corre na 10° Vara Federal Criminal de Brasília. É acusado de formação de quadrilha e interceptação ilegal de comunicação alheia. Ficou preso preventivamente em decorrência da Operação Spoofing entre julho de 2019 e setembro de 2020, embora tenha sido solto de fato um mês depois, pois sua detenção também servira para cumprir pena por falsificar uma carteirinha de estudante em 2015 (a punição foi extinta no mês passado). Ao ser libertado, foi obrigado a usar tornozeleira eletrônica, proibido de utilizar celular e internet e de deixar Araraquara, sua terra, distante 85 quilômetros de Ribeirão Preto, onde estuda.

Foi em Ribeirão Preto que o *hacker* encontrou Zambelli em um hotel, início da história que o levaria a Bolsonaro dali a duas semanas. Segundo a deputada, o encontro foi "fortuito" e ocorreu em 28 de julho, mesmo dia da entrevista de Delgatti à *Fórum* e do acerto para outra, ao UOL. Se a data citada pela parlamentar for verdadeira, o *hacker* dizia, de um lado, que votaria em Lula e, de outro, falava com uma apoiadora fanática do presidente. A parlamentar escreveu sobre o "encontro fortuito" ao publicar no Twitter uma foto ao lado de Delgatti. A publicação ocorreu em 10 de agosto, horas depois da reunião com o presidente no Palácio do Alvorada.

Moreira, que concorreu a vereador em Araraquara na eleição municipal de 2020 pelo finado partido bolsonarista, o PSL, disse em duas entrevistas que não concordou com a visita de Delgatti ao presidente nem com a participação do *hacker* em propaganda contra as urnas eletrônicas. Por isso teria desistido de defendê-lo no processo em curso. Depois dessas entrevistas, o advogado fez um boletim de ocorrência, na noite de 13 de agosto, no qual relata ameaças de morte após ter se reunido em Brasília, ao lado do *hacker*, com integrantes do governo federal. •

REDE SOCIAIS, EB E BENTO VIANA/GOVDF

Freitas, embaixador do Brasil em Israel, assina contrato com a CySource

Seu País

Racismo indecoroso

PODER As cassações do vereador negro Renato Freitas e do prefeito indígena Marcos Xucuru desnudam o revanchismo da casa-grande

POR FABÍOLA MENDONÇA

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 30
Saúde. Oito em cada dez cidades sofrem com a falta de medicamentos

Tapetão. O cacique foi eleito com 51% dos votos, mas nem sequer chegou a assumir a prefeitura de Pesqueira (PE)

ARQUIVO PESSOAL E ARQUIVO/CMC

Negro, periférico, advogado, mestre em Direito, vereador eleito em Curitiba em 2018 com 5.097 votos. Este é Renato Freitas, 38 anos, que carrega em sua biografia numerosos episódios de racismo e teve seu mandato cassado, no dia 5 de agosto, por ter participado, em fevereiro deste ano, de um protesto em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Largo da Ordem, região central da capital paranaense. O ato era para denunciar a xenofobia e o racismo que motivaram o assassinato do congolês Moïse Kabagambe, no Rio de Janeiro, atividade que aconteceu simultaneamente em várias outras cidades brasileiras. Enquanto o protesto acontecia do lado de fora, dentro da igreja o padre Luiz Hass celebrava uma missa e, ao término da celebração, os manifestantes, inclusive Freitas, adentraram na igreja. Este foi o "crime" que tirou do vereador do PT o mandato que lhe foi consagrado pelas urnas. "Crime", por sinal, bem mais brando que o praticado pelo deputado estadual por São Paulo, Fernando Cury, que apalpou os seios da colega Isa Penna no plenário da Assembleia Legislativa e não perdeu o mandato. Ou do deputado bolsonarista Daniel Silveira, autor de ameaças aos ministros do Supremo Tribunal Federal e incontáveis ataques à democracia, mas a Câmara faz vistas grossas.

Fazendo uma analogia com outros casos recentes, a cassação de Freitas torna-se algo ainda mais inusitado. Em maio passado, a Assembleia Legislativa de São Paulo cassou o então deputado Arthur do Val, o Mamãe Falei, depois do vazamento de áudios sexistas do parlamentar, afirmando que as mulheres ucranianas, refugiadas de guerra, "são fáceis porque são pobres". Em junho do ano passado, o então vereador Doutor Jairinho, do Rio de Janeiro, perdeu o mandato por envolvimento na morte do menino Henry Borel, de 4 anos. E o que dizer do também vereador carioca Gabriel Monteiro, acusado de estupro de vulnerável? A Comissão de Ética da Câmara pediu por unanimidade a cassação do parlamentar, mas a decisão depende de aprovação no plenário.

A rígida punição aplicada ao vereador de Curitiba vai contra o posicionamento oficial da Igreja Católica, suposta vítima do ato que teria sido liderado por Freitas. O padre Luiz Hass não só saiu em defesa do parlamentar como esteve presente na sessão de cassação e sentou na primeira fila ao lado do réu. A Arquidiocese de Curitiba inicialmente registrou um boletim de ocorrência contra o protesto, mas, ao perceber a instrumentalização política do ato, voltou atrás. Durante a tramitação do processo, a entidade entregou ao Conselho de Ética da Câmara um documento colocando-se contra a cassação, considerando a punição desproporcional ao ocorrido e ainda elogiou o ativismo de Freitas contra o racismo e na defesa da população negra. "A manifestação contra o racismo é legítima, fundamenta-se no Evangelho e sempre encontrará o respaldo da Igreja. Percebe-se no vereador o anseio por justiça em favor daqueles que historicamente sofrem discriminação em nosso país. A causa é nobre e merece respeito", diz um trecho do documento. O padre Júlio Lancellotti, reconhecido pela defesa dos excluídos, também saiu em defesa de Freitas.

> Punido por suposta invasão a uma igreja, Freitas se encontrará com o papa Francisco no fim de setembro

"Tecnicamente, não há objeto da cassação, porque não houve invasão da igreja. Canonicamente, não existiu a interrupção do ato litúrgico nem a profanação do espaço sagrado. Também não proferiram nenhuma palavra contra a fé nem houve depredação", diz Lancellotti, acrescentando que a cassação é fruto do racismo estrutural. "A motivação é de ódio aos pobres e de um racismo que não suporta um vereador periférico questionar a hegemonia branca que manda em Curitiba. Não há razoabilidade. É uma cassação montada em cima de *fake news*, ódio, racismo e aporofobia."

O episódio teve grande repercussão no interior da Igreja Católica e chegou até o Vaticano. No fim de setembro, Freitas terá um encontro com o papa Francisco, quando deverá denunciar a cassação e o extermínio da juventude negra no Brasil. Há também a expectativa de o vereador ser recebido por organismos internacionais. "Tentaram silenciar nossas vozes, nos asfixiar e nos matar politicamente, porque

ousamos fazer com que as pessoas soubessem que a mesma violência que ocorreu no assassinato do Moïse também ocorre em Curitiba", acusa Freitas. Os advogados do vereador, Guilherme Gonçalves, Edson Abdala e Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, entraram com uma ação na Justiça do Paraná, pedindo não só a devolução do mandato de Freitas, mas também a anulação da inelegibilidade de dez anos aprovada pela Câmara. O petista é candidato a deputado estadual.

Dentre os argumentos da defesa está o de que o processo não cumpriu o tempo estipulado pela legislação. Segundo os advogados, a jurisprudência estabelece que o processo deveria ter ocorrido em, no máximo, 90 dias corridos. No regimento da Câmara, consta que esse prazo pode ser contado em dias úteis, o que para os advogados é inconstitucional. "A jurisprudência entende que o prazo para fim de cassação de mandato dentro do Legislativo sempre é contado como decadência, em dias corridos", explica Gonçalves. "Eles querem cassar o Renato desde o início. Toda instrução do processo deixa claro que a cassação se deu por racismo. Foi um jogo de cartas marcadas", completa Kakay.

O presidente da Câmara, vereador Tico Kuzma, defendeu o regimento interno e diz que a cassação por quebra de decoro é subjetiva. "É uma decisão de interpretação de cada vereador, que, após analisar as provas, assim como o relatório do Conselho de Ética, define se o ato foi suficiente ou não para a quebra de decoro." O parlamentar nega o caráter racista do processo.

Freitas não é o único que se diz vítima de racismo na política. Eleito em 2020 prefeito de Pesqueira, município do Agreste pernambucano, o cacique Marcos Xucuru jamais conseguiu assumir o cargo e, no início de agosto, o TSE confirmou a inelegibilidade do indígena. Quem assumiu interinamente o cargo foi o presidente da Câmara, Sebastião Leite da Silva Neto, que deverá repassar a função ao

Impunes. Silveira ameaçou o STF e Monteiro é acusado de estupro de vulnerável

prefeito que será eleito em 30 de outubro.

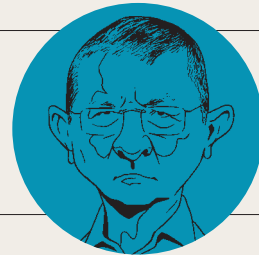
Recai sobre Marquinhos, como é conhecido, a acusação de que ele teria estimulado uma revolta popular em 2003, que resultou no incêndio de uma propriedade. Ele nem sequer estava presente no ato. O conflito foi gerado depois de uma emboscada contra o próprio cacique, que resultou na morte de dois indígenas. Marquinhos recebia atendimento médico durante a revolta popular, mas foi condenado por supostamente ter liderado o movimento. "Naquela época, corria um boato de que o cacique também tinha sido morto e é nesse clima que a comunidade xucuru vai incendiar a propriedade", explica Eliene Amorim, pesquisadora da causa indígena. O cacique foi condenado em duas instâncias e, em 2016, a sentença foi transitada em julgado, cravando o nome de Marcos Xucuru na Lei da Ficha Limpa.

O cacique Marquinhos é acusado de liderar uma revolta enquanto recebia atendimento médico após ser ferido em uma emboscada

"A decisão do TSE reafirma as injustiças e a criminalização que os xucurus sofreram historicamente. Com base em julgamento que ocorreu há tanto tempo, os ministros impediram que a principal liderança desse povo ocupasse a função de prefeito, legitimando o preconceito e o racismo estrutural", destaca Saulo Feitosa, estudioso dos povos xucuru, acrescentando que o conflito de 2003 se deu num contexto de disputa pela terra e que os agressores não eram os indígenas. Marcos Xucuru se diz injustiçado tanto pela decisão do TSE quanto por ter sido condenado pelo conflito de 2003. "Por conta da luta pelo território ainda hoje estou sendo perseguido, tendo meus direitos políticos cassados por uma coisa que eu não cometi. Algumas pessoas não aceitam que os indígenas possam ocupar espaços de poder."

A Articulação dos Povos Indígenas (Apib), em conjunto com a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoinme), publicou uma nota em apoio a Marquinhos e contra a decisão do TSE. Dentre os ministros da Corte eleitoral, o único que votou a favor do indígena foi Edson Fachin. O ministro observou que o caso está inserido "no âmbito de um complexo contexto de conflito étnico, no qual está em jogo não apenas o bem econômico nem somente o patrimônio das pessoas". •

BETINHO CASAS NOVAS/FUTURA PRESS/FOLHAPRESS E FERNANDO FRAZÃO/ABR

ALDO FORNAZIERI

Protagonista improvável

▶ Na largada da campanha, o TSE e seus ministros assumem o protagonismo diante das arruaças de Bolsonaro. O desafio da oposição é trazer o debate para os reais problemas enfrentados pelo povo

A campanha eleitoral começou sem que candidato algum assumisse o protagonismo. Este papel coube ao Tribunal Superior Eleitoral e seus ministros, um que assumiu sua presidência e outro que a deixou. O TSE tornou-se baluarte da defesa da democracia e de seu principal meio constitutivo: as eleições. Alexandre de Moraes e Edson Fachin proferiram altivos pronunciamentos e adotaram medidas duras para salvaguardar o processo eleitoral. O TSE foi também o foco das cartas-manifestos e dos atos de 11 de agosto em defesa da democracia e do Estado de Direito.

Mesmo sendo um tribunal eleitoral, o TSE teve de ocupar um espaço político inusitado, assim como a concorrida posse de seu novo presidente. As constantes investidas de Bolsonaro e dos seus seguidores contra a Justiça Eleitoral, os ministros e as urnas eletrônicas e a ameaça de golpe impuseram esse caráter excepcional na atuação da Corte. A continuidade do protagonismo político do TSE dependerá da continuidade ou não da ação de Bolsonaro no processo de degradação e de ameaças à democracia.

A necessidade do Brasil, no entanto, é a de que o debate sobre seu futuro, por parte dos candidatos, se coloque no primeiro plano. O eleitorado precisa saber quais são os programas e as propostas dos candidatos, para onde eles pretendem conduzir o País. Bolsonaro vem dominando o debate público com suas arruaças. É preciso sair dessa armadilha e colocar no centro das discussões os problemas da sociedade e os rumos do Brasil.

A campanha começou com um claro quadro de polarização entre Lula e Bolsonaro. Mas somente daqui a 20 ou 25 dias se verão as reais tendências. As intenções de voto, até agora estagnadas, começarão a se movimentar. A campanha de Lula lutará para manter a vantagem e para tentar vencer no primeiro turno. A campanha de Bolsonaro lutará para prolongar a disputa. O mais provável é que haja segundo turno.

Ciro Gomes, Simone Tebet e os demais candidatos lutarão para crescer. Os dois primeiros terão mais chances. Mas tudo dependerá de suas capacidades, de suas propostas, de seus ardis e astúcia na condução de suas campanhas. Em se tratando de reeleição, o alvo principal deles deverá ou deveria ser Bolsonaro. Eles só crescerão se tiverem capacidade de desconstruir o atual governo e o candidato, apresentando-se como alternativas e propondo um governo também alternativo. Essa capacidade mensurará não só a possibilidade de atrair votos que iriam para Bolsonaro, mas também de atrair votos não definidos e de eleitores de Lula que não vislumbram outra possibilidade atrativa até agora.

Bolsonaro, num primeiro plano, deverá usar em sua campanha os benefícios dos pacotes de bondade que lhe foram confirmados pelo Congresso. Esse eixo deverá ser combinado com outros, com prioridade para: **1.** Ataques a Lula e aos governos petistas, com foco nos escândalos. **2.** Defesa de uma pauta moral e religiosa, visando criar a antinomia do "bem" contra o "mal". **3.** Estímulo a afetos, principalmente o do ódio aos inimigos, e à disseminação de *fake news* nos meios digitais. **4.** Apropriação e exaltação dos valores que ele considera sinônimos de patriotismo. **5.** Apropriação do valor da liberdade vinculado ao armamento, à segurança pública e ao combate ao comunismo e socialismo.

A campanha de Lula, como vem sendo sinalizado, deverá dar prioridade aos temas sociais e econômicos, com ênfase no combate à pobreza, à fome e ao desemprego. A defesa da democracia e a necessidade de reconstrução das políticas sociais públicas e de instrumentos de Estado, destruídos pelo atual governo, também deverão ocupar centralidade. As políticas de meio ambiente e de sustentabilidade deverão ganhar espaço maior em relação às campanhas petistas anteriores, vinculando-se a isto o caráter do próprio desenvolvimento do País.

A relação entre as campanhas petista e de Ciro está mal posta. Os petistas atacam Ciro e o pressionam para desistir, como se fossem donos do pedaço. Ciro, em contrapartida, ataca Lula. Quem ganha com isso é Bolsonaro. Em síntese, enquanto Lula tentará uma campanha crítico-propositiva, é certo que Bolsonaro procurará aumentar a rejeição de Lula para alcançar seus objetivos. A depender dos efeitos desses ataques, a campanha petista terá de não só se defender, mas de reagir atacando também. Será uma das campanhas mais emocionantes desde o fim da ditadura. •

alfornazieri@gmail.com

BAPTISTÃO

Banho de votos

MODA As grandes confecções surfam na onda das toalhas politizadas e roubam mercado dos "camelôs socialistas"

POR RONALDO LAGES

São quase 9 da manhã e Antônio Lima está preparado para mais uma jornada de trabalho na Freguesia do Ó, na Zona Norte da capital paulista. Em uma movimentada praça, o vendedor ambulante estende em um varal réplicas de bichos de pelúcia da Disney e camisetas de clubes do futebol. Os produtos costumavam ter boa saída, mas há tempos perderam a liderança no ranking de vendas. Agora, os itens mais disputados de seu varal são as toalhas estampadas com os rostos de Jair Bolsonaro e do ex-presidente Lula. Por módicos 30 reais, os eleitores aderem ao "banho politizado", a mais nova febre de São Paulo – e de outras tantas capitais pelo Brasil afora.

Seguindo a tendência captada pelas pesquisas de intenções de voto, Lula tem sido um melhor garoto-propaganda do que o atual ocupante do Palácio do Planalto. Nem por isso o "marreteiro", como o migrante cearense define o seu ofício, está com a vida mansa. "Antigamente, conseguia ganhar bem mais. Agora, trabalho só para comer, nem as dívidas consigo pagar", lamenta Seu Antônio, que vive na Vila Brasilândia há 36 anos.

O ambulante figura entre os 73% dos brasileiros que tiveram seus rendimentos solapados pelo alto custo de vida no último ano, segundo recente pesquisa Ipsos. Seu Antônio não acredita, porém, que a pandemia seja a única responsável pela disparada dos preços. "Não era para as coisas estarem tão caras. Quem ganha um salário mínimo e tem condições de comer carne? Hoje em dia, o trabalhador não pode mais nem encostar num bar para tomar uma cerveja", comenta, decepcionado.

A concorrência no ramo não anda nada fácil. Para auferir lucros maiores, é preciso investir em arrojadas estratégias de marketing. Foi o que fez Saulo Adriel em um dos pontos mais movimentados da cidade, a Avenida Paulista. Em vez de simplesmente expor os produtos no varal, ele inovou com a criação do "Data Toalha", uma lousa na qual cada comprador acrescenta o seu voto no candidato escolhido – depois de adquirir a toalha, claro. "O resultado da placa é real. Está bem polarizada essa eleição", propagandeia. "Fui para Camboriú, Floripa e Curitiba, e lá vendo mais toalhas do Bolsonaro. Aqui, em São Paulo, estão saindo mais as do Lula."

> "Não dá para vencer a competição com as fábricas do Brás", lamenta dono de pequena estamparia

Adriel define-se como "anarcocapitalista", seguidor de uma doutrina que prega uma espécie de capitalismo sem presença alguma do Estado. "O governo sempre impõe burocracia e formas de impedir o crescimento do microempreendedor, enquanto muita gente que já está lá em cima, estabelecida, se beneficia da ajuda estatal. Até para trabalhar eu preciso de alvará", diz o camelô, ao explicar sua exótica ideologia.

O Data Toalha vem atraindo clientes que não têm o hábito de comprar itens no mercado informal. É o caso de Júlia Andrade, estudante de Relações Internacionais que ajudou a engordar o placar em favor de Lula, em meio ao frenesi da Paulista. "É a primeira vez que compro uma toalha dessas. Estou esperançosa, não por muitos motivos, mas estou", comenta a jovem eleitora, que diz não temer um golpe de Estado. "Apesar das ameaças de certos grupos políticos, a maioria não aceitaria o desrespeito às urnas."

Nem todos têm motivos para celebrar. Diante da nova tendência, a indústria passou a produzir em larga escala produtos que antes eram manufaturados por pequenos comerciantes, como o "camelô socialista" Marco Antônio Ferraz. Jornalis-

Mercado. Marco Antônio Ferraz reclama da concorrência. Saulo Adriel inova com o "DataToalha". Já Antônio Lima queixa-se da crise. "Quem ganha salário mínimo tem condições de comprar carne?", indaga

ta de formação, ele não conseguiu mais recolocação nas redações após completar 60 anos de idade. Em 2015, investiu as parcas economias em uma pequena estamparia na Barra Funda, a Zurdo Camisetas, que hoje emprega quatro homens trans. Com a onda do "banho politizado", Ferraz viu-se, porém, diante de uma concorrência feroz.

"Isso deixou de ser um produto vendido apenas por militantes ou camelôs socialistas, como eu. As toalhas passaram a ser confeccionadas em grande escala, coisa que não conseguimos fazer. E tem muita empresa grande fabricando bandeiras e até isqueiros", lamenta. "Deixei de vender toalhas, devido à competição desleal das confecções do Brás."

Pela internet, o comerciante diz vender uma dezena de camisetas politizadas por dia. Em manifestações com a presença de Lula, o número salta para 500 unidades. Sem o líder petista, gira em torno de 100. "Só montamos a nossa barraquinha em atos públicos, porque, se eu me instalar na Praça da Sé ou na República, o *rapa* vem e toma tudo. Durante os protestos, o público nos defende", conta.

Uma das primeiras aparições públicas das toalhas de candidatos ocorreu no último *Lollapalooza*, uma das edições mais politizadas do festival. Pouco antes de encerrar sua apresentação, a cantora Pabllo Vittar brandiu o que, inicialmente, foi descrito como uma bandeira de Lula. Somente mais tarde soube-se que era uma toalha entregue por um fã. De lá para cá, os adereços tornaram-se onipresentes. Até mesmo a presidenciável Simone Tebet, do MDB, a ostentar entre 2% e 4% das intenções de voto, segundo diferentes pesquisas, acabou contemplada nas estampas.

Nas redes sociais, as provocações envolvendo as toalhas não cessam. Um vídeo viral mostra, por exemplo, um cachorro caminhando sobre duas estendidas no gramado, uma de Lula e outra de Bolsonaro. O cão vira-lata cheira ambas, mas escolhe a do ex-capitão para aliviar a bexiga. Para o sociólogo Gabriel Rossi, especialista em marketing político da ESPM, a febre das toalhas revela, em certa medida, o esvaziamento do debate político no Brasil. "Atualmente, as campanhas estão fortemente alicerçadas no personalismo, não exatamente nas propostas dos candidatos." •

RONALDO LAGES

Sem remédio

SAÚDE O Brasil padece com a falta de insumos para a indústria farmacêutica

POR MARIANA SERAFINI

"A cada três meses eu me consulto com o psiquiatra e venho pegar o remédio no posto, mas faz dois meses que não encontro. Tenho uma reserva e ainda não precisei comprar. Não tenho nem ideia de quanto custa. O problema é que não posso ficar sem", comenta Wagner Silva, paciente em tratamento de depressão que não encontrou Sertralina na farmácia da UBS da República, no Centro de São Paulo. O medicamento é da classe dos inibidores seletivos de receptação de serotonina e seu preço varia de acordo com a dosagem, pode custar de 30 reais a 100 reais. "Recebemos 5 mil caixas, mas acabou. Tente ir na farmácia da Sé ou do Metrô Anhangabaú, pode ser que lá ainda tenha", sugere a atendente da unidade de saúde.

O Brasil passa por uma epidemia de casos de depressão. No período da pandemia, os diagnósticos de quadro depressivo aumentaram em 40%, segundo um estudo realizado pela Vital Strategies, organização global de saúde pública, e pela Universidade Federal de Pelotas. Se em 2019, 9,6% da população era diagnosticada com a doença, no primeiro semestre de 2022 esse número saltou para 13,5%. Mas não é exatamente o aumento da demanda o responsável pelo desaparecimento da Sertralina.

Com capacidade de produzir apenas 5% dos insumos farmacêuticos necessários para o abastecimento nacional, o Brasil vê-se refém do mercado externo, que não tem suprido a demanda mundial. Com isso, os postos de saúde, os hospitais, as farmácias populares e até mesmo as grandes redes privadas de drogarias têm sofrido com a escassez de medicamentos.

Oito em cada dez cidades brasileiras enfrentam o problema, revela uma pesquisa divulgada, em julho, pela Confederação Nacional dos Municípios. E não são apenas os remédios de uso contínuo que estão em falta. A carência do antibiótico Amoxicilina foi apontada por 68% dos gestores municipais. Já a ausência do analgésico e antitérmico Dipirona na rede de atendimento municipal foi citada por 65,6%. A Dipirona injetável, largamente utilizada nos hospitais, desapareceu em 50,6% das prefeituras.

Outro estudo, recém-divulgado pelo Conselho Regional de Farmácia de São Paulo, revela que o desabastecimento

A escassez de medicamentos atinge oito em cada dez cidades, revela pesquisa

Na ponta. Ruth Rodrigues e Wagner Silva saíram da UBS República sem os medicamentos que precisavam

atinge 98,4% das drogarias no estado. Os medicamentos mais citados são os antimicrobianos (em falta em 96% dos estabelecimentos), os mucolíticos (85,2%), os anti-histamínicos (84,7%) e os analgésicos (61,3%). A lista é longa, parece não ter fim.

"Hoje não tinha Amoxicilina. Nunca saio daqui com todos os remédios", lamenta Ruth Rodrigues, mãe de dois filhos e à espera do terceiro. Ela chegou à UBS República por volta das 18h15, próximo do horário de fechamento da farmácia. "Sempre que venho falta alguma coisa. Ultimamente, está difícil encontrar ácido fólico e sulfato ferroso *(suplementos recomendados às gestantes)* e pomadas para assadura." O antibiótico em falta custará ao menos 30 reais, especula a desempregada, que não sabe mais como manejar o apertado orçamento doméstico após os sucessivos rejustes de itens básicos, como as fraldas e o leite das crianças.

O pior é a ausência de perspectiva de melhora. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria e Insumos Farmacêuticos (Abiquifi), o Brasil importa 95% dos princípios ativos usados na fabricação de remédios, sobretudo da Índia e da China. Com a pandemia da Covid-19, esses países não têm dado conta de atender à necessidade mundial. A guerra na Ucrânia e os recorrentes *lockdowns* chineses contribuíram para agravar o problema. Em outras palavras, o País está refém do mercado externo, sem condições de aumentar a produção de medicamentos por falta de insumos.

Ex-ministro da Saúde e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, José Gomes Temporão explica que o calamitoso cenário é fruto de uma desindustriali-

SMS-PMPA E MARIANA SERAFINI

Temporão. "Só não temos capacidade produtiva por uma opção deliberada da maioria dos governos que passaram"

PABLO VALADARES/AG. CÂMARA

zação do complexo da saúde iniciada nos anos de 1990, a partir do governo de Fernando Collor. "Infelizmente, não há nada que o Brasil possa fazer no curto prazo, porque dependemos totalmente dos princípios ativos produzidos na Índia, na China, na União Europeia e na América do Norte. Só vamos mudar esse quadro com um programa ousado, com grandes investimentos", afirma. "A falta de insumos insere-se dentro de múltiplas dimensões que afetam o SUS como um todo. Repare: o que estamos discutindo aqui tem interface com as políticas industrial, de ciência, tecnologia e inovação e da saúde. O governo precisa enfrentar, com urgência, os problemas existentes em cada um desses três eixos."

Para ampliar a produção nacional de insumos farmacêuticos para 20%, seriam necessários dez anos de investimento pesado em pesquisa, ciência, tecnologia e industrialização, estima o presidente da Abiquifi, Norberto Prestes. Na tentativa de amenizar a situação, o governo federal, por meio da Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos

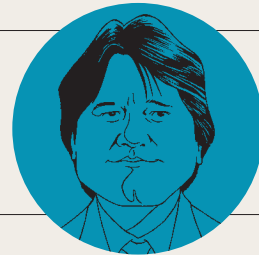
Em torno de 95% dos insumos são importados. Mas o País nem sempre foi tão dependente

(CMED), autorizou a suspensão do preço máximo para a aquisição de remédios em falta. Até julho, os preços de nove substâncias foram reajustados, número que deverá saltar para ao menos 20 até o fim de 2022. A "solução" traz, porém, impactos no orçamento do SUS e das famílias brasileiras, que há tempos padecem com a perda de renda e a elevada inflação. Pior, o Ministério da Saúde nem sequer tem um prazo em vista para normalizar o abastecimento.

Recuperar a capacidade de fabricar insumos é uma questão de segurança nacional, acrescenta Temporão. "Estamos vulneráveis à chegada de novas pandemias e totalmente sem defesa", alerta. "O atual governo, por exemplo, faz questão de destruir a indústria brasileira. É patético ver o Brasil se transformar em um mero exportador de *commodities*, como soja, carne e minérios. Nenhum país do mundo desenvolvido conseguiu prosperar sem desenvolver ao mesmo tempo uma base produtiva robusta, e a área da saúde está na fronteira das tecnologias do futuro."

Durante a sua gestão, o ex-ministro procurou reduzir o quadro de dependência, mas as iniciativas não tiveram continuidade após o *impechment* de Dilma Rousseff, queixa-se. "Instituímos uma política de internalização de tecnologias estratégicas. Fizemos isso usando o poder de compra do Estado, e o estabelecimento de parcerias entre laboratórios privados e públicos, como a Fiocruz e o Butantan, com apoio do BNDES. Chegamos a ter cerca de 80 projetos do que chamamos de 'parceria de desenvolvimento'", comenta. "É possível resolver o problema, mas a saúde não pode ficar ao sabor de disputas ideológicas ou políticas. Não se pode pensar em projetos de governo, com quatro anos de duração. É preciso estabelecer metas de longo prazo, de três ou quatro décadas. Só assim poderemos recuperar a nossa capacidade produtiva e reduzir a dependência."

O ex-ministro enfatiza que o Brasil tem todas as condições para reverter o quadro: um grande mercado consumidor, um sistema universal de saúde, um órgão regulador reconhecido internacionalmente, uma base produtiva industrial relevante, centros de pesquisa e universidades de grande prestígio. "Só não temos capacidade produtiva local porque isso foi uma postura deliberada da maioria dos governos que passaram." •

PEDRO SERRANO

Perigosas interpretações

▶ Houve quem tentasse deslegitimar a Carta lida em 11 de agosto, atribuindo à manifestação intenções de teor ideológico esquerdista. Mas não é difícil desmontar esse argumento desonesto

Quinta-feira, 11 de agosto de 2022. O local escolhido: as dependências da Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco, Centro da capital paulista. Foi ali, nessa data que já podemos considerar histórica, que se deu a leitura da "Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em Defesa do Estado Democrático de Direito". Pela primeira vez depois de décadas, vemos um tão amplo arco ideológico se unificando em torno da defesa do processo eleitoral. Em verdade, é a sociedade civil se manifestando em face das ameaças postas pelo governo e por setores do Estado e da própria sociedade à eleição.

A iniciativa, endossada por 1 milhão de brasileiros e oito presidenciáveis, propôs-se a estabelecer a firme posição de que não se deve ter outra forma de acesso ao poder no Brasil que não sejam as eleições realizadas nos termos determinados e segundo os métodos estabelecidos pela Justiça Eleitoral. É ela que deve comandar esse processo, e não os militares ou agentes políticos diretamente interessados em seu resultado.

Foi um ato apartidário, sem nenhum vínculo com qualquer das candidaturas colocadas até o momento. Ele se realizou não por razões de disputa de poder, mas por razões de justiça. E chamou atenção pela pluralidade de presenças. Entre elas, a ambientalista Marina Silva, a indígena Sônia Guajajara, presidentes de partidos políticos – como Juliano Medeiros, do PSOL, e Bruno Araújo, do PSDB –, representantes do grupo Prerrogativas, organização de advogados progressistas que fizeram parte da estruturação do evento, e líderes do movimento das Diretas Já dos anos 1980, entre eles Osmar Santos, Casagrande e Juca Kfouri.

Houve quem, de alguma maneira, tentasse deslegitimar a leitura do último 11 de agosto atribuindo à manifestação intenções de teor ideológico esquerdista, buscando dissociá-la de seu único intuito, direto e imediato: a preservação da democracia. Vivemos tempos de tristes, perigosas e mal-intencionadas interpretações. Mas não é difícil desmontar tal argumento. Além da pluralidade de perfis entre os adeptos, são flagrantes os indícios de que o atual governo se embrenha por vias que se distanciam dos norteamentos constitucionais. Demarcar, agora, as fronteiras do território democrático se faz imprescindível. E envolve tanto uma juventude que se fez cidadã sob os preceitos da democracia e não aceita, em hipótese alguma, ser submetida a grilhões que rondaram seus pais, como também "gatos escaldados" que provaram do veneno da ditadura – marcantes e simbólicas, então, as participações de ícones do Diretas Já, por exemplo.

Por sinal, cabe ressaltar ainda que a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo também promoveu, no mesmo dia 11 de agosto, a leitura de uma Carta em favor da democracia. Trata-se de mais uma evidência da diversidade de perfis assolados pelos temores do cerceamento de liberdades.

Não houve citação direta do presidente Jair Bolsonaro nos conteúdos lidos. A relevância do pronunciamento extrapola individualidades, na medida em que se aplica a qualquer contexto que ameace a democracia, a qualquer tempo e em qualquer governo. Para os bons entendedores, foram ditas bem mais palavras que meia, que não há mais como se calar diante das intenções de ataques às urnas eletrônicas.

O texto da Carta lida na São Francisco, aliás, fez referência explícita, esta sim, aos questionamentos de Bolsonaro à lisura do sistema eleitoral. Diz um trecho do documento: "Nossas eleições com o processo eletrônico de apuração têm servido de exemplo no mundo. Tivemos várias alternâncias de poder com respeito aos resultados das urnas e transição republicana de governo. As urnas eletrônicas revelaram-se seguras e confiáveis, assim como a Justiça Eleitoral".

Pouco honesta também me parece a crítica de que o evento no Largo São Francisco foi pensado para atender unicamente a interesses de profissionais da área do Direito, sugerindo como motivação para a leitura algum tipo de jogo de poderes entre o Judiciário e o Executivo. Ora, aos que atuam no campo da Justiça cabe, de fato, a manutenção dos direitos, mas não os próprios, e sim os de todos, e isso não por vaidade ou benefícios exclusivos para uma classe ou grupo específico.

É exatamente o contrário. A leitura da Carta pela democracia fez parecer pequeno o prédio da Faculdade de Direito da USP, tamanha a quantidade e a multiplicidade de atenções que para lá se dirigiram e cujos interesses legítimos precisavam caber ali. Ao mesmo tempo, poucas vezes aquele edifício esteve tão grande, imenso na magnitude do cumprimento de sua mais nobre razão de existir. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O desmonte da seguridade social

ARTIGO Os programas de distribuição de renda estão aquém das demandas por políticas integradas e articuladas

POR IVANISA TEITELROIT MARTINS*

Por ter colaborado na redação de cinco artigos da Constituição na função de assessora do relator do capítulo da Ordem Social na Constituinte, entre eles a descentralização federativa e participativa e a sistematização e financiamento do sistema de seguridade social, que adotava uma visão sistêmica das políticas públicas no combate à desigualdade social, me permito fazer algumas apreciações sobre o processo de implantação dos programas sociais desde a década de 1990. Em um momento de participação social, em que a sociedade se fazia representar em fóruns, conselhos nacionais, estaduais, municipais paritários, deliberativos e consultivos com o propósito de redemocratização do País e de consolidação permanente da democracia após 21 anos de ditadura, aprovou-se o sistema da seguridade social, financeiramente sustentável, por meio de uma lógica de contribuição social em vez de uma lógica puramente fiscal. Constituiu-se um fundo de financiamento destinado aos programas sociais composto de fontes que tinham flexibilidade suficiente para manter um sistema de contribuição equânime, que privilegiava a igualdade progressiva de benefícios entre trabalhadores urbanos e rurais, de perspectiva inclusiva e de caráter redistributivo, que previa, inclusive, a redução ao mínimo de programas de assistência social. Esse sistema agregava três políticas públicas de forma integrada: previdência social, saúde e assistência social. Foram inúmeras reuniões interministeriais que mantinham diálogo permanente com os setores progressistas da academia, principalmente com a Unicamp, para desenvolver as diretrizes da implantação das políticas públicas previstas na Constituição.

Formulou-se um pacto federativo que consolidou a democracia participativa, sem a perda de competências da democracia representativa no intuito de fortalecer o controle social e a descentralização. Formaram-se redes de conselhos em todo o território nacional, com a participação

> É preciso um esforço coletivo para enfrentar a expansão de práticas radicalmente liberais

de governadores, prefeitos e secretários de desenvolvimento social em número de igualdade aos representantes da sociedade civil, redes organizadas com o propósito de transferir ações e programas sociais ao poder municipal. Adotavam-se os índices de desenvolvimento humano (IDH), mapeando o conjunto de municípios em função do número de habitantes e das vocações econômicas regionais, constituindo "rankings" de municípios para transferência de recursos públicos que compensassem as desigualdades nacionais, além de prestar assessoria às cidades na formulação dos planos diretores municipais.

Ao ser convidada pelo governo Lula a

LUIS ALVARENGA/GETTY IMAGES/AFP

À mercê. Defasado, eleitoreiro e mal planejado, o Auxílio Brasil deixa de fora milhares de famílias necessitadas

participar da consolidação de um sistema federativo público, participativo e descentralizado que avançasse na concepção social-desenvolvimentista, confiei que, apesar dos avanços e recuos na implantação dos sistemas de políticas públicas, devido a interferências da agenda neoliberal, seria finalmente viável. No entanto, diante da crise econômica de 2008, hegemonizada por países dominantes, agentes públicos pouco afeitos ao desenvolvimentismo social adotaram reformas que transferiram recursos de contribuições sociais para o Tesouro para amortizar o impacto da crise, o que causou um retrocesso na concepção sistêmica de políticas públicas, terminando por adotar preferencialmente uma estratégia focalizada em programas de inclusão social que se limitam até hoje a uma transferência de renda, muito aquém das demandas sociais por políticas públicas integradas, articuladas entre as entidades federadas, por meio dos fundos constitucionais. À época, as decisões foram tomadas por setores enquistados no próprio governo que teorizavam a partir do capital humano, típico da agenda neoliberal, que adota pressupostos que confiam equivocadamente na superação do conflito capital-trabalho, sendo o trabalho e a produção determinantes para o desenvolvimento social. Houve uma inflexão ao social-liberalismo, que não passa de um neoliberalismo palatável socialmente, ao se alinhar à identificação das causas da pobreza sem levar em consideração uma concepção condizente com os propósitos de redistribuição de renda e riqueza.

Houve o desmonte do sistema integrado e participativo, devido a uma série de ingerências de ordem político-ideológica e à formação reativa da sociedade, composta pelas elites financeira, empresarial, inclusive midiática, que constituiu um instituto para restaurar e fundamentar a concepção do liberalismo em 2005 – o Instituto Millenium. Como não foi possível adotar a reforma política no primeiro mandato do governo Lula, houve consequências, ao longo dos últimos anos, nefastas para o Estado Democrático de Direito, com a eleição de um representante radical de direita que ainda defende o período da ditadura. As manifestações de 11 de agosto são uma demonstração expressiva de contestação não somente à agenda neoliberal ou liberal conservadora, mas em defesa das bases do Estado de Direito do País, em que milhões de brasileiros se manifestaram por eleições diretas e influíram na promulgação da Constituição em 1988.

Para que a história não se repita nem como farsa nem como tragédia é crucial um esforço coletivo para enfrentarmos as crises contemporâneas do capitalismo e a expansão de práticas políticas radicalmente liberais e conservadoras presentes há algum tempo no sistema político internacional. •

**Cientista social e gestora pública federal que participou da implantação dos principais programas sociais no Brasil.*

A miragem da deflação

PREÇOS A manipulação do índice de inflação em julho não surte o resultado esperado pelo governo

POR CARLOS DRUMMOND

É a maior manipulação eleitoral de que se tem notícia, tanto da inflação quanto da renda dos mais pobres, em simultâneo e em curto espaço de tempo. A mobilização de recursos pelo governo chega a 340 bilhões de reais, segundo algumas aproximações, entre a renúncia de impostos sobre combustíveis e a ampla distribuição de dinheiro vivo até dezembro. A diminuição do ICMS sobre a gasolina e o diesel resultou, no primeiro momento, em um declínio discreto do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, principal indicador inflacionário brasileiro, de 0,68% em julho. O efeito político esperado pelo governo, da combinação entre o barateamento da gasolina e do diesel e o aumento do dinheiro no bolso dos mais pobres por meio de auxílios diversos deveria ser uma redução da distância entre Bolsonaro e Lula, mas não foi isso que aconteceu. É o que mostra a pesquisa eleitoral do Ipec, realizada uma semana após o início do pagamento do Auxílio Brasil reajustado de 400 para 600 reais para 20 milhões de famílias, mais o adicional de 110 reais do Vale Gás para 5,6 milhões de famílias e os mil reais para 900 mil caminhoneiros, antecipações de pagamentos a aposentados, liberação de saques do FGTS e renúncia do ICMS. Na pesquisa, Lula tem 44% das intenções de voto e continua com chances de vencer no primeiro turno. Bolsonaro aparece com 32%.

É muito cedo para a oposição cantar vitória, pois falta um mês e meio para as eleições, o nível de atividade e emprego aumentou e o candidato à reeleição ainda não colocou todas as cartas na mesa, mas há ao menos duas explicações para o truque econômico bolsonarista não ter dado certo, ao menos por enquanto. A primeira delas é a ilusão de ótica inerente ao IPCA, índice que sempre mede variações de preços com efeitos completamente diferentes sobre os mais pobres e os mais ricos.

A conta dos pacotes eleitoreiros de Bolsonaro: 340 bilhões de reais

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 40

Bancos. A epopeia para abastecer os caixas 24Horas nos rincões da Amazônia

Altos e baixos. O preço do leite aumentou cerca de 25% e pesa no orçamento das famílias. Os combustíveis ficaram mais baratos, graças às medidas eleitoreiras

De acordo com a FGV, a diferença entre a inflação dos pobres e a dos ricos em julho foi a maior desde 2020. A segunda é que a heterodoxia de ocasião do governo, gastador às vésperas da disputa presidencial, não consegue apagar de uma só vez o efeito destrutivo de quase quatro anos da política econômica de austeridade centrada no arrocho salarial e na recessão. Segundo levantamento do instituto Quaest, 57% dos brasileiros perceberam que as medidas relacionadas acima foram tomadas apenas para ganhar a eleição, enquanto 38% acreditam se tratar de uma tentativa de melhorar a vida dos cidadãos. É preciso considerar ainda que Bolsonaro atenuou a situação desesperadora dos pobres, agravada em muito pelo seu governo, mas não abriu mão do discurso extremista, e pesquisas indicam uma não aceitação do seu radicalismo sem limites, o que fica evidente na elevada taxa de rejeição.

O arrefecimento da inflação, além de temporário, não atinge o principal, isto é, os preços dos alimentos, que afetam a imensa maioria pobre da população. O IPCA caiu 0,68% em julho, mas alimentação e bebidas subiram 1,30% e compõem o grupo de preços que mais aumentou. Há outros aspectos a destacar. Do mesmo modo que o auxílio emergencial, o auxílio caminhoneiro e outros benefícios, a queda do IPCA provocada pela redução da tributação dos combustíveis tem efeito neste ano, mas deixará de existir em 2023.

O recuo do índice pode ter algum efeito sobre as expectativas, como o governo pretende, mas, além desse resultado, é preciso considerar que "as pessoas não comem índice", como destaca José Francisco Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator. Isto é, elas prestam mais atenção ao que afeta o seu bolso, ou seja, os gastos no supermercado, na conta de energia e na bomba de gasolina do que aos dados oficiais de inflação. "O efeito sobre a renda real das famílias é inegável, mas a percepção de melhora é mais fraca e diluída", sintetiza Gonçalves.

Com as medidas tomadas pelo governo até agora, a conta de supermercado, que pesa muito para os mais pobres, não vai mudar, pois, enquanto o preço dos cereais, batata, hortaliças, carnes e pescados caiu, o das aves, ovos, farináceos e panificados subiu, assim como o leite, que foi para o espaço com alta de 25,5%. Para a classe mais bem remunerada, parte do alívio prove-

EDILSON RODRIGUES/AG. SENADO E RENATO LUIZ FERREIRA

niente da baixa dos combustíveis foi anulada pela elevação das passagens aéreas.

Outro aspecto, minimizado por razões óbvias na divulgação do governo, é o fato de parte da queda da inflação dever-se à redução de preços de *commodities*. É preciso considerar ainda que o governo se vangloria de ter produzido o menor IPCA de julho desde 1980, mas a queda da inflação não é mérito de política econômica, mas de uma intervenção tópica no preço dos combustíveis. A sistemática de dolarização dos preços via Paridade de Preços de Importação continua vigente, com risco de, após dezembro, voltarem a subir, a depender do nível de atividade no País e no resto do mundo.

O governo chama de deflação a queda da inflação pontual e com data para acabar, em clara distorção, pois o fenômeno requer vários meses para se caracterizar. Em termos internacionais, a queda é irrisória e coloca o País como o quarto, entre as maiores economias, no ranking das maiores inflações. Nada disso impediu, entretanto, o triunfalismo dos governistas. O ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, disse que "a inflação vai continuar em queda e fechar o ano abaixo de 7%, melhor que nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, e o PIB continuará a crescer e fechará o ano acima de 2%, melhor que vários países ricos". Um economista da Faria Lima ironizou: "Os alemães e os americanos, com desemprego de 2,8% e 3,5% e renda de, aproximadamente, 50 mil dólares, vão morrer de inveja. Já consigo ver os aeroportos lotados de estrangeiros vindo para o Brasil".

> Os itens alimentação e bebida, que mais afetam os pobres, **subiram 1,30% no mês passado**

A ironia chama atenção para o fato de que as comparações não levam em conta que a mal chamada deflação só chegou às famílias com renda acima de 9,7 mil reais em São Paulo, enquanto o gasto médio com a alimentação consome a totalidade de um salário mínimo das famílias que vivem em favelas. O brasileiro gasta, em média, mais da metade da renda com alimentação.

Até economistas considerados "técnicos", como o ex-diretor do BC Luís Fernando Figueiredo, disseram que a inflação caiu porque o Banco Central a combateu antes, deixando de lado o fator fundamental, a intervenção governamental nos preços dos combustíveis, via PEC Kamikaze e ação da Petrobras. O tucano Luiz Carlos Mendonça de Barros entrou na onda. Nos casos de Figueiredo e Mendonça de Barros, a mistificação não é menor do que naquele de Sachsida: todos sabem que a queda da inflação não é obra da política econômica, mas de um intervencionismo pró-reeleição na economia. "A queda no IPCA reduzirá a inflação do ano, mas não a de 2023, sendo inócua para a política monetária", destaca Gonçalves. Mesmo porque, se tudo voltar a ficar como estava, em janeiro o ICMS sobre combustíveis subirá e a inflação do ano que vem não muda. "Ou seja, haverá 12 meses da mesma inflação. Neste ano, em vez de ser 10%, será 6,5%, mas no ano que vem continuará em 5,5%. É para onde o Banco Central olha. Se a inflação neste ano for 10% ou 6%, para o BC tanto faz. Ele volta a sua atenção para o horizonte da meta, que é lá adiante, não é aqui. Isso reduz a 'justificativa', entre aspas, dessas medidas pontuais, que é a eleição mesmo, fazer o que der de truques para baixar a inflação agora", afirma o economista.

É importante observar também que o núcleo da inflação e a dinâmica dos preços não foram afetados pelos truques do governo. Os núcleos, destaca Gonçalves, resultam de tratamentos estatísticos que retiram do cálculo variações que fogem ao padrão da maioria dos preços. Ou seja, todos os preços que sobem muito e todos aqueles que caem muito são retirados e permanece um núcleo. "Isso é feito porque, quando ocorre uma puxada de um item, ou uma queda de um item, que não é causada pela situação da economia, isso não é inflação. Desta vez, o cálculo do núcleo expurgou todos os preços que foram muito para baixo", sublinha o economista.

Em outras palavras, diz, itens que caíram muito por conta de uma medida pontual não podem ser incluídos no cálculo da inflação esperada. Se caiu 0,6% agora, vai subir 0,6% em janeiro. Não muda, portanto, a chamada dinâmica inflacionária. •

Melhor ficar em casa. As passagens aéreas subiram, pressionadas pelos custos

ROVENA ROSA/ABR

LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Os canhões de agosto*

▶ O crédito à manufatura volta a impulsionar os EUA. Já no Brasil...

Nos primeiros dias de agosto, o Congresso americano disparou seus canhões: aprovou o Chips and Science Act. A decisão recebeu escassas referências e ralos comentários na mídia brasileira.

Escarafunchei jornais, *sites* e noticiários de televisão, além dos Instagrans e Twitters. Deparei-me com espaços de informação onde, diria Sartre, o Nada sufoca o Ser. O vira-latismo nativo descuidou-se de cultivar o complexo que Nelson Rodrigues lhe atribui. Diante do descuido, certamente momentâneo, enveredei pela mídia de alhures.

Nas veredas não tropicais, deparei-me com notas, notícias e análises, algumas críticas e muitos aplausos de variegada autoria e concepção. Entre tantas e tais, deparei-me com um manifesto de apoio assinado por 126 economistas americanos de distintas correntes de pensamento.

Os agraciados com o Nobel de Economia Joseph Stiglitz e Michael Spence estão entre os signatários. Em artigos no Project Syndicate, os dois nobelizados afirmam sua aprovação entusiasmada aos projetos do governo Biden. Michael Spence celebra o reaprendizado de Tio Sam. O título de seu artigo, "Faça a América Investir Novamente", explicita sua aprovação. Ele diz que, desde o projeto de lei de infraestrutura de 1,2 trilhão de dólares, de novembro passado, que prevê melhorias nas estradas, pontes e banda larga, até o recém-promulgado Chips and Science Act, que destinará mais de 52 bilhões de dólares para impulsionar a indústria americana de semicondutores, os incentivos ao investimento e ao avanço tecnológico estão na ordem do dia nos Estados Unidos.

A esses propósitos juntou-se o Inflation Reduction Act (IRA). Essa lei determina a cobrança de um imposto de 15% sobre os lucros das grandes empresas, além da taxação de 1% nas operações de recompra das próprias ações, vício que machuca a inclinação das empresas ao investimento e premia o jogo da acumulação financeira-rentista. As estimativas prometem uma geração de receita tributária na casa dos 300 bilhões de dólares ao longo dos próximos anos.

Stiglitz reconhece a importância dessa alteração no regime fiscal. "Há um debate sobre as causas da inflação atual, mas, independentemente de qual lado se toma, este projeto de lei representa um passo à frente. Para aqueles preocupados com a demanda excessiva, há mais de 300 bilhões de dólares em redução do déficit. E do lado da oferta o projeto de lei mobilizaria 369 bilhões em investimentos em segurança energética e descarbonização. Isso ajudará a reduzir o custo da energia – um dos principais motores do crescimento atual dos preços – e a colocar a América de volta aos trilhos para reduzir suas emissões de dióxido de carbono."

Entre os benefícios sociais, o IRA atribui ao Medicare a incumbência de negociar diretamente o preço dos medicamentos prescritos aos pacientes. Diz o documento do Senado: "Atualmente, nosso sistema de preços de medicamentos funciona para corporações e intermediários, não para pacientes. A nova política de negociação garantirá que os pacientes com Medicare obtenham o melhor acordo possível em medicamentos de alto preço e paguem esses medicamentos com base no preço negociado pelo Medicare."

No país dos vira-latas, essa medida seria recebida por muitos de seus liberais aos latidos de "intervenção!!!, intervenção!!!" Na visão de muitos analistas, a lógica do Chips Act and Science valerá para outras indústrias críticas, como equipamentos de comunicação, minerais de terras raras e biofarmacêuticos. Como diz bem o escritor republicano Oren Cass, no *Financial Times*: "O interesse conservador em reconstruir a base industrial americana pode finalmente ultrapassar o fundamentalismo do livre-mercado que até há pouco dominou a centro-direita".

A legislação econômica recém-editada poderia suscitar a perquirição de episódios semelhantes na história dos Estados Unidos. Talvez seja recomendável remontar às origens do pensamento industrialista nas terras de Tio Sam. Retorno ao *Report on the Subject of Manufactures*, de Alexander Hamilton, escrito nos idos de 1795.

"Não pode escapar à nossa observação que o crescimento da população e a melhora econômica dos Estados Unidos asseguram um aumento contínuo da demanda doméstica pelos tecidos que não produzimos. Mas, embora existam circunstâncias suficientemente fortes para autorizar um considerável grau de dependência da ajuda do capital estrangeiro para a obtenção dos produtos da manufatura, é satisfatório ter boas razões de garantia, de que existem recursos internos próprios adequados a ele. Acontece que existe uma espécie de Capital realmente existente dentro dos Estados Unidos, o que alivia toda a inquietude quanto à falta de Capital: trata-se da dívida financiada".

Hamilton recomendou o canhão do crédito para o avanço da manufatura. •

**Homenagem a Barbara Tuchman.*

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Epopeia amazônica

TECNOLOGIA A logística para manter ativos os bancos 24Horas, onde a população prefere sacar na boca do caixa

POR WILLIAM SALASAR, DE BELÉM*

Quando a ponte sobre o Rio Moju caiu, em 6 de janeiro de 2019, um sábado, e isolou a população local, a prefeitura de Belém do Pará entrou em contato com a TecBan para providenciar serviços bancários essenciais, em particular o saque de dinheiro. Em 24 horas, as equipes de Jorge Luís da Silva, gerente-executivo de Operações, instalaram um caixa automático no Porto de Arapari, então a principal, se não a única, ligação do município de Moju com a capital. "Eram tantos barcos que ficavam enfileirados e o povo ia passando de um para outro, como numa ponte, para desembarcar", recorda Silva. A máquina continua no mesmo lugar, apesar de o Porto de Arapari ter voltado ao movimento normal, com a maioria do tráfego de veículos a atravessar a alça que levou três meses para ser reparada, devido ao mau tempo na região.

Dois anos depois, o apagão de Macapá, em novembro de 2020, obrigou a empresa a transferir os terminais 24Horas para pontos próximos de geradores, entre eles o aeroporto da cidade, onde cinco ATMs foram instaladas a toque de caixa. Os outros 32 caixas da cidade foram remanejados para os bairros da capital do Amapá, de acordo com o rodízio de fornecimento da energia instaurado na cidade. "Como a falta de luz interrompeu as transmissões de rádio e televisão, usamos carro de som para informar à população onde havia caixas 24Horas", conta Silva.

Na tristeza e na alegria, a movimentação de caixas não é novidade na região: todo ano, em Manaus, quando o Rio Negro enche, os equipamentos das ruas que margeiam o rio são removidos para áreas secas, e, quando tem festa, como o Círio de Nazaré, com seus 15 dias de festejos e 13 procissões oficiais, arma-se um plano de contingência, que inclui armazenar peças de reposição em estabelecimentos parceiros nos trajetos dos fiéis. Experiência não falta: o Carnaval em Salvador e nas estreitas ruas coloniais de Olinda demanda esquemas de abastecimento e manutenção emergencial semelhantes

A tecnologia completa 40 anos e tem sido essencial nos rincões da floresta

nas vias mais agitadas para garantir o dinheiro na mão da população.

Apesar da digitalização dos meios de pagamento, ao menos 60% das compras na região são feitas em dinheiro, segundo as estimativas da TecBan, confirmadas por relatos de comerciantes. As cidades de Abaetetuba, Ananindeua e Barcarena, nas quais predominam famílias com renda média de 1,8 mil a 2,26 mil reais, responderam por pouco mais de 1 trilhão em saques nos caixas 24Horas, enquanto Belém, com renda média de 6,22 mil reais, registrou 2,6 trilhão de reais no primeiro semestre deste ano. "O cliente gosta de sentir o dinheiro na mão, gosta de mostrar que tem dinheiro", afirma o gerente

Criatividade. O banco contêiner é uma das tantas variações para atender à demanda. Para Silva, não há tempo ruim quando se trata de garantir o serviço

IGOR MOTA

do atacarejo Mais Barato, de Ananindeua, Elrik Costa Coelho. Segundo ele, cerca de 90% do dinheiro vivo é usado para pagar compras no supermercado, mesmo quando se trata de comerciantes da região. “Com dinheiro na mão, eles pedem desconto”, complementa Vanderlei Conceição Ferreira, gerente do concorrente Colina, que reclama por não conseguir mais ATMs para seu estabelecimento, principalmente um caixa reciclador, que aceita depósitos.

A máquina recicladora é um dos novos produtos que a TecBan desenvolveu para lidar com a tortuosa logística de circulação de numerário, feita pelas empresas de carros-fortes. O caixa permite a reutilização das notas depositadas por varejistas ou pessoas físicas para os saques de outros clientes, o que aumenta a eficiência da cadeia em termos de custos operacionais e economiza tempo, além de aumentar a segurança. “Antes, eu contratava o carro-forte para retirar o numerário quatro vezes por semana. Agora, é uma vez, no máximo, no período de maior movimentação na loja, geralmente do dia 27 ao dia 10 do mês seguinte”, afirma Steffany Lima, do atacarejo Maxi Nunes, de Abaetetuba, cidade que fica a uma hora e meia de balsa, mais uma hora de carro, de Belém.

No posto de serviços Carvalho, na principal via da cidade, onde foi instalada uma das duas unidades móveis do Banco 24Horas – um contêiner adaptado, com três caixas recicladores, equipado com gerador e comunicação por satélite –, os próprios frentistas depositam a féria, relata o proprietário, Ernani Neto. “O movimento não para. Eu chego às 6 da manhã, quando os ribeirinhos começam a se dirigir para o mercado na cidade e saio às 8 da noite, e o tempo todo tem gente no contêiner”, assegura Neto, cujo movimento, “por baixo”, aumentou 5% desde a instalação do equipamento.

Ao acolher depósitos, a máquina faz a contagem, identificação e distribuição das notas por seu valor nas gavetas correspondentes e devolve aquelas que não são reconhecidas pelos sensores. Em todo o País, são 3,2 mil caixas recicladores, dos quais cem estão no Pará. É pouco, ante um parque de 24 mil caixas eletrônicos espalhados por cerca de mil municípios, com

152 milhões de habitantes (71% da população brasileira), e dos quais foram sacados 369 bilhões de reais em 2021. “Somos responsáveis pela movimentação de duas vezes e meia o dinheiro em circulação no Brasil, o que equivale a 5% do PIB, todos os anos”, afirma Silva. “É importante para acelerar a circulação do numerário, porque traz tráfego e renda para toda a comunidade e amplia a inclusão financeira, principalmente nas áreas remotas.”

O faturamento bruto do Banco 24Horas cresceu 4,5% em 2021 sobre 2020, para 2,9 bilhões de reais, equivalente a 90% dos 3,2 bilhões de reais de faturamento bruto consolidado do grupo, que agrega a transportadora de valores TBForte, a operadora especializada em gestão de serviços e infraestrutura de telecomunicações TBNet e a Serviços Integrados TecBan, fornecedora de soluções especializadas em logística, armazenagem, operação, manutenção e revitalização de equipamentos. A questão para a TecBan, cujo negócio principal é a circulação de moeda desde a sua fundação, há exatos 40 anos, em agosto de 1982, é a concorrência dos meios de pagamento digitais que proliferam e crescem exponencialmente. Pesquisa anual da Federação Brasileira de Bancos sobre tecnologia e transações bancárias, divulgada em julho, mostra que operações por *mobile* e *internet banking* representaram 70% dos 119,5 bilhões de transações em 2021, crescimento de 12% sobre 2020, enquanto as operações em caixas eletrônicos caíram 11%. O Pix, por sua vez, registrou crescimento de 809% em número de usuários que realizam mais de 30 pagamentos por mês, enquanto a base geral de pessoas cadastradas cresceu 72%. Já a base de usuários que receberam mais de 30 Pix mensais avançou 464%. O levantamento detectou que o ritmo de expansão de recebimento de mais de 30 Pix por mês em pessoas físicas é maior do que em pessoas jurídicas, o que sinaliza a oportunidade de expansão da ferramenta de pagamentos instantâneos em comércios e serviços, aponta a pesquisa da Febraban.

> O terminal reciclador, que aceita saques e depósitos, atenua os entraves ao abastecimento de dinheiro

Neste cenário, a TecBan vislumbra três caminhos para o futuro, sustenta o diretor de Autoatendimento, Luiz Stefani: aumentar a eficiência e acelerar a transformação dos canais físicos dos bancos, potencializar o ecossistema digital a partir da infraestrutura bancária para outros, compartilhando suas multiconexões e segurança, e viabilizar o Open Banking por meio do caixa eletrônico e outras conexões. “Somos especialistas em tecnologia e compartilhamento e podemos garantir a inclusão de pessoas não digitalizadas.”

Por esta razão, a Tecban desenvolveu o Totem Banco24Horas, modelo compacto no qual o usuário imprime um QR Code para sacar dinheiro no caixa do estabelecimento comercial parceiro, e o ATMO, terminal de ponto de venda (a maquininha de cartão) multibiométrico com as mesmas funções do totem, acrescido de aplicações para o Open Banking, de modo que o cliente possa acessar mais de uma conta bancária nos dispositivos 24Horas. Os investimentos no desenvolvimento de seus produtos somaram 4 bilhões de reais na última década e possibilitaram a realização de 2,1 bilhões de transações anuais – os saques representam a metade das operações. Os outros 50% se distribuem pelo leque de 90 tipos diferentes de serviços disponíveis nos ATMs da TecBan, de recarga de celular a compra de vale-presente, passando por interface para fazer prova de vida. •

**O jornalista viajou a convite da TecBan.*

Hábito. Na Amazônia, 60% das compras são feitas com dinheiro vivo

IGOR MOTA

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

Bolso, a parte mais sensível

▶ Lula precisa dizer logo, de modo claro, o que será feito na área social

Confirmou-se o que alguns vinham prevendo há tempos: Bolsonaro chega competitivo às eleições. Apesar de tudo que fez e deixou de fazer, ele tem condições de vencer, ainda que não seja o favorito, dados os seus altos índices de rejeição.

De todo modo, não é espantoso que um presidente com o *track record* dele ainda consiga ter algo como 30% das intenções de voto? É bem verdade que a competitividade do presidente, governador ou prefeito que disputa a reeleição no cargo está normalmente assegurada. A competitividade pode ser minada por um desempenho abaixo da crítica, caso do atual presidente, mas é preciso muito esforço para sair do páreo. Acontece, mas é raro.

Vou tratar de duas questões interligadas: **1.** Quais são os principais trunfos de Bolsonaro, especialmente na economia? **2.** E o que pode fazer Lula para contra-arrestá-los?

Os trunfos do presidente são políticos e pessoais, de diferentes tipos, mas trato apenas dos trunfos econômicos, talvez decisivos na emergência social que o povo atravessa. O bolso, como dizia Delfim Netto, é a parte mais sensível do corpo humano, especialmente quando falta comida, casa, transporte público, educação, saúde e tudo mais.

O governo agiu em duas frentes para enfrentar a emergência social, fazendo o possível e o impossível, o permitido e o ilegal, para: **a)** baixar o preço dos combustíveis; e **b)** lançar uma ampliação das transferências sociais, com aumento do Auxílio Brasil para 600 reais e outras benesses. A redução dos combustíveis trouxe deflação no mês de julho. E o pacote social tem um duplo aspecto eleitoral. Primeiro, coloca dinheiro rapidamente nas mãos de quem está no sufoco. Segundo, esses beneficiários são aqueles que gastam imediatamente tudo o que recebem, gerando maior efeito dinamizador ou multiplicador na demanda e na economia.

Ocorre, leitor, que o nível de atividade econômica já vinha se recuperando, embora lentamente, ao longo do ano de 2022. É o caso do setor serviços, notadamente, que responde por parte preponderante do PIB. O emprego vinha subindo, mesmo que devagar e com postos precários e mal remunerados. A taxa de desemprego continua alta, mas vem caindo de forma persistente. Com o impulso proporcionado pelo pacote social, essa tendência temporária de reativação deve se acentuar.

Qual deve ser a resposta de Lula? O ex-presidente e sua equipe possuem vasta experiência política e eleitoral desde os anos 1980. Lula é o candidato mais tarimbado do Brasil e, quiçá, do mundo. Corro o risco de estar ensinando o padre nosso ao vigário. Em todo o caso, prossigo.

A natureza do desafio salta aos olhos. Bolsonaro faz. Lula promete fazer. Bolsonaro desembolsa. Lula promete desembolsar. Para quem está precisando de tudo, o dinheiro pesa mais que as palavras.

Não há como resolver esse desafio de forma satisfatória, obviamente. Mas talvez Lula precise ser, desde logo, um pouco mais específico na área social, dizendo com todas as letras, com números e palavras claras, o que será feito ou proposto nessa área, já a partir de janeiro de 2023.

Tereza Campello, ex-ministra do Desenvolvimento Social, e outros especialistas na área, têm capacidade de sobra para apresentar os pontos principais de um novo Bolsa Família a partir de janeiro. Um novo Bolsa Família que tome o antigo como ponto de partida e que inclua, digamos, entre outros aspectos: **a)** a proposta de aumentar o valor do benefício para algo como 800 reais por mês; **b)** a conversão do valor mensal mais alto em permanente, e não emergencial; **c)** elevação do patamar de renda mínima a partir do qual se fazem os pagamentos, para que mais brasileiros sejam incluídos; **d)** redução e depois eliminação das filas no programa, que se avolumaram no período Bolsonaro; **e)** aperfeiçoamento do cadastro único de beneficiários para permitir execução eficiente; **f)** retomada e fortalecimento das importantes condicionalidades de educação e saúde, combinadas com assistência social aos beneficiários. Lula e sua equipe já estão, certamente, trabalhando nessa direção. Medidas como essas se justificam do ponto de vista social e teriam impacto eleitoral.

O importante talvez seja colocar propostas razoavelmente detalhadas na rua, já, agora. Lula tem muito conhecimento e experiência. É o político ideal para apresentar, com credibilidade, propostas de combate à fome e à pobreza. Quando fala de questões sociais, fala a partir de suas vivências e da sua família. E, ademais, com a autoridade de quem fez programas sociais inovadores quando era presidente – ao longo de dois mandatos, e não como expediente eleitoreiro de última hora. •

paulonbjr@hotmail.com

Não há tempo ruim

NÃO É VERDADE QUE OS BANCOS PERDEM DINHEIRO COM PIX

ROBERTO CAMPOS NETO, presidente do Banco Central

▶ O lucro dos maiores bancos sobe 17,2% no semestre

Os quatro maiores bancos do País (BB, Itaú Unibanco, Bradesco e Santander) lucraram, no primeiro semestre, 51,406 bilhões de reais, 17,2% a mais do que no mesmo período de 2021. O BB puxou a fila, com um salto de 45,6% no resultado, para 14,15 bilhões. O Bradesco veio em seguida, com lucro 27% maior, de 14,5 bilhões. O Itaú Unibanco, com 14,7 bilhões, teve queda de 1,7%. O Santander também perdeu (-0,5%): chegou a 8 bilhões no semestre. O fator principal para esse resultado foi o retorno das atividades pós-pandemia, que abriu espaço para concessões de crédito em linhas mais arriscadas. Além disso, assinala o analista Luis Miguel Santacreu, da Austin Rating, os conglomerados cortaram custos, fecharam agências e demitiram, enquanto aprofundavam a digitalização vitaminada no confinamento imposto pela Covid-19. “O segundo semestre tem eleição, novo governo, Copa do Mundo, Selic em 14% por um bom tempo a frear a economia e desaquecimento global. Difícil estimar qual evento será mais danoso em termos de inadimplência e provisão de inadimplência para o resultado dos bancos”, adverte o analista.

ISTOCKPHOTO, RAPHAEL RIBEIRO/BCB E MARCELO CAMARGO/ABR

TIC-TAC

Murilo Vilaverde, aluno de Administração de Empresas da Strong Business School, de 18 anos, e quatro colegas desenvolveram uma plataforma para integrar as informações necessárias para a atracação no porto de Santos. A solução centraliza várias áreas envolvidas no processo: alfândega, Receita Federal, armadores etc., que se comunicam uma a uma, por *e-mail*, rádio e telefone. A plataforma contribui assim para diminuir os atrasos na atracação, que em média chegam a seis horas por dia. "A modernização de Santos é urgente, diz Renato Marcio. "Para se ter uma ideia, portos mundo afora usam eletroímãs para estabilizar um navio atracado, no Brasil ainda fazemos amarração por espias e cabeços."

P&D

A Nextracker, empresa de rastreadores solares e otimização da geração de energia, acaba de anunciar no Brasil seu maior centro de pesquisa e desenvolvimento e treinamento fora dos EUA. Serão 40 cientistas e técnicos envolvidos em projetos de pesquisa para desenvolver tecnologia para grandes usinas solares. No País, há usinas solares com o mesmo potencial de geração de Sobradinho, ou seja, mais de 1 gigawatt.

Educação I

Goiás e Santa Catarina serão os novos polos de expansão da Faculdade do Comércio de São Paulo, mantida pela Associação Comercial de São Paulo e a Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo. Com 1,2 mil alunos e perspectivas de chegar a 6 mil nos próximos cinco anos, a FAC opera em Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Maranhão, Rondônia, Pará e vai construir um campus em Piracicaba, onde vai oferecer cursos de graduação e pós à distância. O objetivo é formar profissionais com visão mais exata da realidade das empresas e do mercado.

Educação II

O Movimento Brasil Competitivo iniciou uma campanha para promover a educação técnica a fim de incrementar a mão de obra qualificada e aumentar a competitividade do País. Em manifesto, o movimento defende a meta de fazer o ensino médio técnico alcançar 40% do total de matrículas no ensino médio regular, em 2030. Além de fomentar a maior participação do setor privado na oferta de educação técnica, a iniciativa pede uma adequação dos cursos e conhecimentos para cada região. Também propõe a avaliação e criação de iniciativas em parceria com o setor produtivo para a ampliação da oferta de vagas de nível médio e técnico.

NÚMEROS

80%

das agências do Itaú terão energia renovável provida por 46 usinas fotovoltaicas da Enel

63 mil

contratos de compra de casas foram cancelados no mês passado nos EUA

174 bilhões

de dólares o fundo soberano da Noruega (o maior do mundo) perdeu no primeiro semestre

Zona de exclusão

TheObserver Líderes europeus querem barrar a entrada de turistas russos em represália à invasão da Ucrânia

POR ANDREW ROTH, DE MOSCOU, E PJOTR SAUER

Milhares de russos foram para a Europa Ocidental com vistos de curto prazo, desde que seu país invadiu a Ucrânia. Alguns desejavam fugir da repressão, mas no verão muitos turistas apenas queriam ir para a praia. Agora, alguns políticos europeus pedem o fim dos vistos de curto prazo que permitem aos russos passar férias na União Europeia, enquanto a guerra na Ucrânia continua.

Países como Ucrânia, Estônia, Letônia, Finlândia e República Tcheca pediram à UE a limitação ou o bloqueio dos vistos Schengen para os russos, em protesto contra a invasão da Ucrânia.

Após seis meses de guerra, a proposta ecoa a frustração generalizada com um público russo que parece incapaz ou relutante em criar uma resistência significativa à guerra travada em seu nome. A situação foi agravada por incidentes de grande repercussão, como uma mulher russa que assediou dois refugiados ucranianos na Europa. “Parem de emitir vistos de turista para russos”, escreveu a primeira-ministra estoniana, Kaja Kallas, no Twitter. “Visitar a Europa é um privilégio, não um direito humano.”

O chanceler alemão, Olaf Scholz, rejeitou, no entanto, o apelo e disse ser “difícil imaginar” uma proibição geral de vistos para os russos. Os ministros das Relações Exteriores da UE devem discutir a medida em uma reunião informal neste mês, embora seja necessária a aprovação unânime dos 27 integrantes do bloco.

A proposta também desencadeou um debate acalorado entre os russos, incluídos adversários da guerra, muitos dos quais vivem exilados na Europa, sobre como a proibição de visto poderia marcar um passo na direção do isolamento que lembra o período soviético. “Não vejo nada de bom em banir os russos da Europa, porque eles precisam ver um mundo livre”, disse Ilya Krasilshchik, editor *online* ameaçado de processo na Rússia por se opor à guerra e que atualmente está na Europa. Embora ele acredite que uma proibição de visto dificilmente será aprovada, os problemas para abrir contas bancárias na Europa dificultam, afirma, a operação de dissidentes no exílio. Em vez disso, ele gostaria de um maior escrutínio para barrar os russos que têm opiniões favoráveis à guerra. “Quanto à ideia de que se os russos não puderem deixar o país vão se levantar e derrubar o regime, é uma mentira total. (...) A experiência da União Soviética mostra que fechar fronteiras não leva à derrubada do regime. Eu entendo a raiva do momento, mas acho que a longo prazo isso é perigoso.”

Kallas, *premier* da Estônia, defende a punição

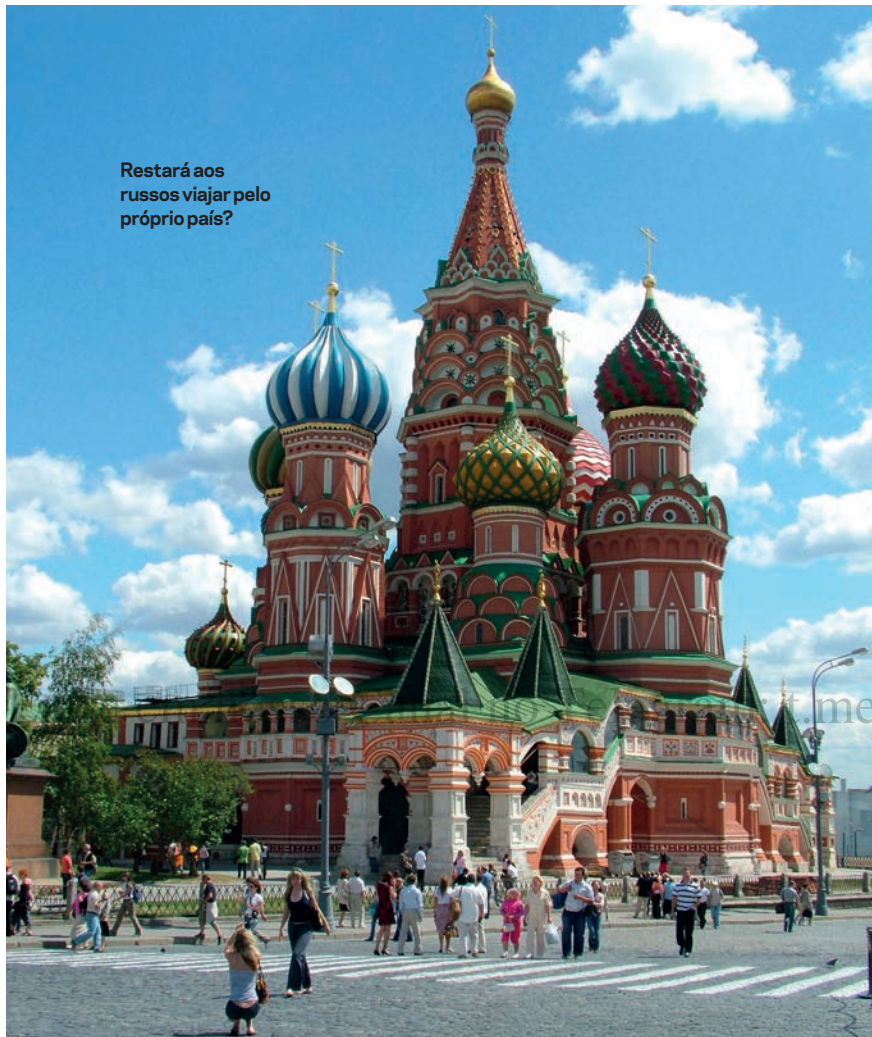
Muitos russos abordados por *The Observer* concordaram que o turismo comum se tornou um claro ponto de inflamação, pois o país está envolvido numa guerra brutal contra seu vizinho. “Se você deixa a Rússia, deve ser ativamente contra a guerra”, disse Ira Lobanovskaya, que iniciou no aplicativo Telegram um grupo de Realocação da Federação Russa para aconselhar conterrâneos a deixar o país. “Você não pode mais ficar fora da política: isso é bárbaro no clima atual. Eu entendo que o Ocidente não quer os russos a festejar nas ruas da Europa.” Manter os russos na Rússia seria, porém, contraproducente, disse. “Eles precisam se unir no exterior, formar alianças antiguerra e falar. Você não pode derrubar uma potência nuclear como a Rússia por dentro. É simplesmente irreal.”

Ilya Ponomarev, ex-deputado da Duma exilado na Ucrânia desde 2016, é a favor da proibição. Segundo ele, os russos capazes de fazer isso deveriam ficar na Rússia para lutar contra o regime, “deixar o país deveria ser o último recurso”. “Você não pode se abster desta guerra”, disse em entrevista na Ucrânia. “Se você

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 48

Afeganistão. O Taleban não tem unanimidade sobre restrições à educação das mulheres

Restará aos russos viajar pelo próprio país?

quer se abster, não reclame que está sendo expulso da Europa." Ele continuou: "Concordo muito com a líder estoniana quando ela disse que estar na Europa não é um direito humano, é um privilégio. Se você quer esse privilégio, faça algo na Rússia primeiro, conquiste esse privilégio, faça alguma jogada ousada e depois vá embora".

Em um discurso *online*, o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, reiterou seu apelo para limitar os vistos Schengen aos russos: "Deve haver garantias de que os assassinos e os cúmplices do terror estatal não usem os vistos Schengen".

Ativistas russos dizem que os vistos de turista são uma ferramenta importante para muitos interessados em deixar a Rússia, especialmente quando fogem pelas fronteiras terrestres, pois viajar de avião é caro ou muito perigoso. "Este é um mecanismo de segurança para milhares que sofrem repressão ou podem sofrer no futuro", disse Anton Barbashin, do *site* de notícias Riddle Russia. "A proibição de vistos limitará as oportunidades que os críticos do regime têm para buscar a segurança quando precisarem."

> Fechar as fronteiras nunca produziu o efeito de derrubar governos. Ao contrário

Países como Letônia, Estônia e Finlândia têm recebido um influxo de turistas e emigrantes russos desde o início da guerra, e começaram de forma independente a reforçar as regras de imigração e impor limitações de vistos. Outras propostas informais destinadas a limitar o turismo durante a guerra incluem exigir a assinatura de uma declaração a condenar a invasão quando entrarem na Europa. O ex-embaixador dos Estados Unidos na Rússia Michael McFaul sugere que os visitantes russos sejam obrigados a pagar um imposto de cerca de 100 euros (mais ou menos 500 reais) para a reconstrução da Ucrânia. "Para os países que relutam em proibir todos os russos de os visitarem, a ideia de cobrar uma taxa extra pelo visto que iria para a reconstrução ucraniana oferece uma resposta alternativa", disse. "Quanto ao dilema de os russos serem acusados de financiar a reconstrução do governo ucraniano, bem, a opção é deles, ninguém os força a viajar para a Europa democrática. Eles podem passar férias no país europeu da Bielorrússia."

Os russos ricos provavelmente encontrarão uma maneira de contornar qualquer proibição, disse o filho de um empresário, portador de passaporte britânico. Ele esteve em Saint-Tropez, na França, neste verão e havia "tantos russos como de costume".

"A elite sempre encontrará uma maneira de chegar à Europa", disse. "Muitos da minha geração estudaram aqui. Vivemos o suficiente no Ocidente para receber autorizações de residência ou um segundo passaporte. Aqueles que não têm, falam em obter documentos turcos, se a Europa continuar com isso. Sempre haverá brechas para quem tem dinheiro." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

ISTOCKPHOTO E MICHAEL KUHLMANN/PRESIDÊNCIA DA ESTÔNIA

Luta nas trevas

The Observer A restrição à educação de mulheres no Afeganistão divide opiniões no próprio Taleban

POR EMMA GRAHAM-HARRISON, DE CABUL

A mulher do oficial taleban pediu desculpas por estar sem tempo. Ela precisava preparar suas filhas adolescentes para voar para Doha, capital do Catar, onde em breve começariam um novo período de estudos, explicou à anfitriã no início deste ano. Em Cabul, e em grande parte do Afeganistão, as meninas não podem legalmente frequentar o ensino médio há quase um ano, por causa da proibição do governo. As autoridades insistem que a decisão é apenas temporária, mas não estabeleceram condições ou cronograma para suspendê-la.

A proibição desencadeou uma onda de depressão e raiva no Afeganistão e repulsa generalizada além de suas fronteiras. Também causou divisões menos claras dentro do movimento, refletindo fraturas mais profundas entre ex-insurgentes que têm dificuldade para se adaptar à governança. É um segredo aberto que várias figuras importantes da liderança educaram suas próprias filhas enquanto viveram fora do Afeganistão, principalmente no Paquistão ou no Catar, durante sua luta de 20 anos contra as forças dos Estados Unidos e seus aliados afegãos.

Alguns continuaram a fazer isso secretamente, mesmo depois de voltarem para Cabul, incluída a família cujos planos de educação internacional foram compartilhados com *The Observer*.

Integrantes de escalões menos altos do movimento têm procurado opções mais perto de casa. Uma escola secreta para meninas na capital matriculou as filhas de quatro ou cinco famílias do Taleban para aulas da 7ª à 12ª série, disse um funcionário graduado. Uma autoridade veio pedir pessoalmente um desconto maior que o normal, e os professores lhe falaram sobre as outras opções, disse ele. "Fiquei assustado e também feliz que ele e os demais estejam um pouco mais próximos das crianças da escola agora, e estarão nos defendendo e apoiando."

No compromisso privado de alguns integrantes do Taleban de garantir educação para suas próprias filhas a qualquer custo, outros afegãos veem hipocrisia e certa esperança de mudança. É provável que seja, no entanto, uma longa luta, pois a oposição à educação das mulheres vem do topo do movimento.

Vários afegãos com conhecimento da liderança taleban, tanto dentro como fora do movimento, descreveram a decisão de proibir a frequência de meninas à escola como vinda diretamente do líder supremo, Haibatullah Akhundzada, e seu círculo íntimo. Ele, ou seus aliados próximos, ordenou um dos momentos mais cruéis no ano passado, disseram eles, quando meninas do ensino médio que foram convocadas em março para reiniciar as aulas foram mandadas de volta para casa, logo após aparecerem para o primeiro dia de aulas. "Esta é a postura de uma minoria, que está em uma posição muito forte", disse uma fonte afegã bem relacionada.

> Muitos líderes educam as filhas fora do país ou em escolas clandestinas

Diplomatas e afegãos com laços de liderança disseram que o Ministério da

FRICKER/UNICEF/ONU

No reino do Taleban, elas existem para servir

Educação de fato planejava levar as meninas de volta às escolas, com preparativos que incluem verificações de que as instalações atendam aos padrões de classes segregadas. O ministério foi pego de surpresa pela decisão de última hora de Kandahar, onde Haibatullah está sediado. "Duas eminentes figuras do movimento disseram que 'o Taleban foi feito refém'", disse a fonte afegã ligada à liderança. Ele descreveu uma reunião de milhares de clérigos, organizada no mês passado, como uma tentativa de outras facções frustradas de manobrar a liderança e reivindicar legitimidade para a educação das meninas. Esse plano foi frustrado quando Haibatullah veio a Cabul pela primeira vez, para discursar na reunião, ocasião em que evitou a questão da educação feminina.

Apesar dos tabus sobre criticar a liderança, depois de décadas a enfatizar a unidade no campo de batalha, um punhado de figuras importantes do Taleban manifestou-se contra a proibição. Em maio, o vice-ministro das Relações Exteriores, Sher Mohammad Abbas Stanikzai, atacou diretamente a proibição da educação de meninas em um discurso pela televisão que defendeu os direitos de "metade da população do Afeganistão". O clérigo taleban Rahimullah Haqqani, morto recentemente por um homem-bomba do Estado Islâmico, havia dito anteriormente à BBC que mulheres e meninas afegãs deveriam ter acesso à educação: "Não há justificativa na *Sharia* (lei islâmica) que diga que a educação feminina não é permitida. Nenhuma justificativa. Todos os livros religiosos afirmam que a educação feminina é permitida e obrigatória, porque, por exemplo, se uma mulher fica doente, em um ambiente islâmico como o Afeganistão ou o Paquistão, e precisa de tratamento, é muito melhor que seja tratada por uma médica".

Em junho, o governo central lançou uma resposta sangrenta a um levante de um comandante rebelde do Taleban no distrito de Balkhab, na província de Sar-e Pol, no norte. O conflito teve raízes complexas, mas fontes disseram a *The Observer* que, antes de o líder Mawlawi Mehdi perder seu cargo no governo, ele também defendia a educação das meninas. Como a proibição, oficialmente, é apenas temporária, e o Taleban sempre disse que apoia o princípio do direito das mulheres à educação, algumas autoridades com filhas mais novas estão dispostas a revelar sua própria atitude em relação à escolaridade.

Maulawi Ahmed Taqi, porta-voz do Ministério do Ensino Superior, destacou os esforços para adaptar as universidades para que as mulheres possam estudar, enquanto atendem aos requisitos do Taleban de estrita segregação de gêneros, como um sinal do compromisso do grupo com a educação das mulheres. "Tenho filhas e, claro, quero que elas sejam educadas em *madrassas* religiosas, além de terem uma educação moderna", disse. Elas estão atualmente na escola primária, mas ele está confiante de que poderão continuar os estudos à medida que cresçam, acrescentou. "Estou otimista de que as escolas não serão fechadas para sempre." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Inquisição tecnológica

EUA Após a polícia acessar conversas privadas no Facebook, mãe e filha são processadas por aborto clandestino

POR CARLOS SENNA

A mudança de jurisprudência promovida pela Suprema Corte dos EUA sobre a legalidade do aborto, em junho, também teve impacto sobre a garantia da privacidade. O tema une feministas e ativistas pelos direitos digitais na preocupação com o uso indevido de dados pessoais capturados pelas redes sociais e aplicativos para perseguir gestantes que recorrem a procedimentos clandestinos. Estes temores ganharam materialidade no início de agosto, com a revelação de que a polícia da cidade de Norfolk, no estado de Nebraska, solicitou à Meta, controladora do Facebook, do Instagram e do WhatsApp, as conversas privadas entre a adolescente Celeste Burgess e sua mãe, Jessica Burgess, com evidências de que elas planejaram o uso de medicamentos abortivos para interromper uma gravidez indesejada.

As investigações começaram com uma denúncia, sem muitos detalhes, de que Celeste abortou após 23 semanas de gestação. Com o auxílio de um rapaz de 22 anos, mãe e filha decidiram enterrar o feto numa área rural próxima a Norfolk. Inicialmente, as mulheres foram acusadas de duas contravenções leves – esconder a morte de uma pessoa e dar depoimento falso – e do crime de ocultação ou abandono de cadáver, no fim do mês de abril. O relatório do legista revelou que havia marcas de "ferimentos termais", a indicar uma tentativa de incinerar o feto que estaria, na verdade, na 28ª semana de gestação. Pressionando Celeste durante o depoimento, um detetive notou que a adolescente precisou checar sua atividade no Facebook para ter certeza da data em que teria abortado. Foi o que motivou o pedido para a Meta repassar informações aos investigadores.

À empresa de Mark Zuckerberg a polícia apresentou, em 7 de julho, um mandado de busca dizendo que investigava um caso de cremação e enterro ilegal de cadáver de um infante, levando a empresa a entregar sem resistência mais de 300 *megabytes* de dados. As conversas entre mãe e filha incluíam, segundo os policiais, menções à compra de remédios para induzir o aborto e referências à "queima de evidências". De posse desse material, a promotoria acrescentou às acusações iniciais os crimes de indução de aborto ilegal e interrupção da gestação sem médico credenciado. As mulheres se declararam inocentes de todas as acusações, mas Celeste, mesmo sendo menor de idade na época dos fatos, será julgada como adulta.

> A empresa promete recorrer de mandados judiciais vagos ou abusivos, mas admite que atende a 88% dos pedidos da Justiça

O caso de Celeste e Jessica Burgess não

foi afetado pela decisão da Suprema Corte, que revogou o direito constitucional ao aborto nos EUA, uma vez que aconteceu antes da mudança de jurisprudência. Mas, mesmo antes da decisão judicial, os abortos só eram permitidos até a 24ª semana de gestação, e o feto de Burgess estava na 28ª semana de desenvolvimento.

Apesar disso, o que era protegido pela jurisprudência antiga não era necessariamente o direito a fazer um aborto, mas o direito da mulher à privacidade de tomar a decisão sobre terminar uma gravidez dentro dos limites daquilo que a Corte chamou de "interesse do Estado em resguardar a saúde, preservar os padrões médicos de qualidade e proteger vidas em potencial" em 1973, quando o caso Roe *vs.* Wade foi julgado. Em 2022, quando muito da vida privada é exposta por escolha própria na internet em troca de engajamento, a ideia de privacidade modificou-se e não é tão claro o quanto o governo deve respeitar a intimidade dos cidadãos.

Corynne McSherry, diretora jurídica da organização pela defesa dos direitos digitais Electronic Frontier Foundation, baseada na cidade de São Francisco, afirma que "as empresas geralmente têm de responder a intimações legais, apesar de elas poderem se certificar da sua legalidade e contestá-las se não forem válidas". Mesmo assim, usuários de redes sociais e aplicativos que coletam informações sensíveis devem se proteger. Em especial nos casos de vigilância do Estado sobre os casos de aborto, recentemente vetados em diversos estados, a entidade recomenda uma série de precauções, incluindo não fazer buscas sobre o assunto usando os mesmos dispositivos ou navegadores empregados para atividades rotineiras, não carregar dispositivos para locais sensíveis e evitar compartilhar muita coisa, principalmente imagens que possam revelar mais que o desejado sobre onde e com quem esteve. A cautela é necessária porque as *Big Techs* nem sempre agem com os interesses dos seus usuários em mente.

Depois do caso de Burgess, a Meta expandiu a segurança encriptada nas comunicações do Facebook Messenger e garantiu que vai combater os pedidos judiciais que considerar muito gerais ou sem validade, mas também informou ter atendido a 88% dos 59.996 pedidos de entrega de dados feitos pela Justiça norte-americana no segundo semestre de 2021.

Não é apenas o conteúdo de conversas que pode ser sensível. A geolocalização das usuárias pode apresentar evidências suficientes de que a mulher considera interromper uma gestação indesejada, caso seja localizada próximo a clínicas especializadas. Uma clínica virtual que envia medicamentos abortivos para seis estados relatou que a procura cresceu em dez vezes, desde a decisão da Suprema Corte. Os pedidos de consultas em clínicas presenciais também aumentaram, dobrando em alguns casos. Desde a reversão de Roe *vs.* Wade, surgiram 84 propostas legislativas estaduais para banir o aborto na maioria ou em todos os casos e sete leis foram aprovadas. Apenas uma das propostas prevê, porém, a criminalização da prática para as mulheres e profissionais da saúde.

Para a analista e chefe de relações públicas da Electronic Frontier Foundation, Karen Gullo, seria fundamental que as leis permitissem que as pessoas vissem e apagassem as informações privadas coletadas sem seu consentimento. "Consumidores deveriam poder processar empresas de tecnologia por violações de privacidade," observa Gullo, acrescentando que "dar aos usuários a habilidade de controlar seus dados e experiências na internet, rejeitando práticas de coleta de dados, é essencial."

A questão, segundo especialistas, não é que as plataformas devem se posicionar juridicamente ou politicamente em relação às novas leis que proíbem o aborto. Tampouco elas deveriam ignorar ordens judiciais e não fornecer informações para proteger a privacidade de seus usuários. Como aponta McSherry, a solução é mais simples e mais direta. "Não armazene (*dados*), não guarde essas informações, e a polícia não virá atrás delas. E se o seu modelo de negócios depende de monitoramento agressivo dos seus consumidores, talvez você precise de um novo modelo." •

A democracia por um fio

ANÁLISE A ameaça hoje vem da extrema-direita e a defesa do Estado de Direito precisa acontecer nas ruas

POR BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS*

Vivemos tempos paradoxais. Durante muito tempo, depois da Revolução Francesa, as forças políticas de esquerda foram as mais relutantes em aceitar os limites da democracia liberal. Para vastos e respeitáveis setores de esquerda, a democracia liberal era um regime desenhado para favorecer os interesses das elites e das classes dominantes. Pese embora o fraseado inclusivo ("nós, o povo", "governo da maioria para benefício da maioria"), a verdade é que os mecanismos tradicionais da exclusão social (desigualdade social, racismo, sexismo) continuavam a reproduzir-se sob fachada democrática. A divisão a esse respeito entre as forças de esquerda chegou a ser dramática e, de fato, causou feridas que até hoje não se curaram.

Para uns, socialistas e sociais-democratas, esses limites eram ultrapassáveis, mas, para o serem, era necessário entrar no jogo democrático liberal e aceitar transformações parciais progressivamente mais avançadas. Para outros, comunistas e socialistas revolucionários, tais limites eram inultrapassáveis e, de duas uma, ou se inventava outro modelo de democracia verdadeiramente inclusivo ou se recorria à revolução, com o (eventual) recurso às armas. No rescaldo das revoluções de 1848, a divisão pareceu resolvida a favor da democracia liberal. Mas foi sol de pouca dura. A Comuna de Paris de 1871 e a Revolução Russa de 1917 vieram dar nova vida à opção entre democracia liberal e democracia não liberal (radical, direta) ou revolução. O século XX foi um período de tensão permanente entre essas opções, com intensidades diferentes nas diferentes regiões do mundo. Os próprios movimentos de libertação anticolonial viveram essa divisão. Depois do colapso da União Soviética (1989-1991) voltou-se a acreditar que a divisão tinha de novo sido superada pela vitória, agora irreversível, da democracia liberal. Em que consiste, pois, o paradoxo?

O paradoxo consiste em que, à medida que as forças de esquerda se foram envolvendo cada vez mais convictamente no jogo democrático liberal, as forças de direita foram aumentando as suas reservas em relação a ele. Em vez de desinvestirem no jogo democrático, passaram a investir nele para o manipular de modo a garantir o que sempre esperaram dele: a reprodução dos seus privilégios. A manipulação tem sido muito criativa, mas consiste sempre na injeção de antidemocracia nas veias da democracia: golpes brandos, fraudes eleitorais, financiamento de campanhas eleitorais, compra de votos, controle das mídias hegemônicas, pressão externa (FMI, imperialismo), recurso abusivo aos tribunais e à religião, recusa em aceitar resultados eleitorais adversos.

> É possível imaginar outros regimes de convivência **mais pacífica e mais democrática?**

Esses processos estão a ocorrer um pouco por todo lado e os casos mais recentes incluem a primeira economia do mundo (EUA) e a quarta economia da União Europeia (Espanha). Nesse último país, acaba de ser revelado que setores empresariais, combinados com o partido de direita e os serviços secretos, se articularam para desacreditar o partido de esquerda emergente (então, Podemos) com ações que envolveram inventar a fatura de um pagamento falso de Nicolás Maduro ao líder do Podemos, Pablo Iglesias, no montante de 270 mil dólares, e promover um canal de televisão e jornalistas com aparência de esquerda para que, em período pré-eleitoral, pudessem neutralizar mais eficazmente os políticos visados com acusações falsas.

Perante isso, o que fazer? No curto prazo (isto é, em período pré-eleitoral), as forças de esquerda têm de seguir firmes na defesa da democracia, mas têm de pensar que tal defesa será cada vez mais complexa quanto aos campos e quanto aos instrumentos. Quanto aos campos, a defesa tem de incluir a vigilância democrática da mídia, a normalidade da campanha eleitoral, a defesa das instituições que divulgam os resultados eleitorais, o

reconhecimento popular deles quaisquer que sejam, a regular tomada de posse de quem ganhe as eleições e a entrada pacífica em funções do novo governo. Quanto aos instrumentos, é fundamental entender que não bastam as instituições para defender a democracia. Ela tem de ser defendida na rua, com a mobilização popular pacífica e criativa em todos esses momentos.

Quanto ao médio prazo, as tarefas não são menos exigentes, mas necessitam uma reflexão de outro tipo. Eis algumas das questões mais importantes. Dados os sinais de esgotamento final da democracia liberal, é possível imaginar outros regimes de convivência mais pacífica e mais democrática? É possível responder à pergunta anterior sem ter alternativas credíveis anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais? É possível alimentar a reflexão de longo prazo no decurso de governos de coligação com forças de direita cujos créditos democráticos não têm hoje credibilidade? É irreversível a recusa da luta armada no caso de a extrema-direita continuar a sua ascensão e assumir o poder de governo? É possível pensar todas as alternativas, mesmo as mais remotas ou arriscadas? Um novo horizonte desenha-se, e não necessariamente para melhor. Pode ser para bem pior, se as forças de esquerda continuarem a se desarmar de pensamento estratégico. •

**Diretor emérito do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.*

Jogo bruto. A invasão do Capitólio cruzou uma linha perigosa. Iglesias é alvo de falsas acusações na Espanha

BRENT STIRTON/GETTY IMAGES/AFP E LA MONCLOA/GOVERNO DA ESPANHA

O tempo em cena

TEATRO Após dois anos de reclusão forçada por conta da pandemia, atores e atrizes na faixa dos 80 anos retornam aos palcos e, mesmo com limitações, encaram papéis de destaque

POR HELENA ARAGÃO

Aos 89 anos, Léa Garcia sobe ao palco para viver três personagens em *A Vida Não É Justa*. Walderez de Barros, com 81, acaba de encerrar a temporada de duas peças concomitantes, *As Três Irmãs* e *A Semente da Romã*. Ana Lúcia Torre está radiante por interpretar, aos 77, aquela que considera a grande personagem feminina do teatro moderno: Mary Tyrone, de *Longa Jornada da Noite Adentro*. Ex-parceiro dela em *Suburbano Coração*, Otávio Augusto, da mesma idade, comemora seis décadas de carreira e 10 mil espectadores em *A Tropa*.

Dois anos e meio após um hiato sem precedentes nas peças de teatro do Brasil e do mundo, ocasionado pela pandemia, é um alento constatar que atores e atrizes na faixa dos 80 (ou próximos a essa idade) não só estão retornando aos palcos como também encarando papéis de destaque.

"Eu achava muito difícil voltar depois disso tudo, ainda mais numa grande produção", diz Walderez de Barros, que completou os 80 anos reclusa. "Todos envelhecemos durante a pandemia, mas, para quem está na minha faixa de idade, dois anos é muita coisa."

Antes de ver "o mundo fechar", Walderez ensaiava, com a Companhia da Memória, a montagem dupla de *As Três Irmãs* e *A Semente da Romã*. Veio o *lockdown* e, com ele, todas as incertezas – sobre a peça e a vida. Mas o pior baque estava por vir: pouco mais de um ano depois, Sergio Mamberti, seu colega de cena, morreu de falência múltipla dos órgãos. "Foi um choque. Eu queria desistir, achei que seria muito doloroso continuar no projeto. Mas aí o Antonio Petrin entrou, e eles acabaram me convencendo a fazer como uma homenagem ao meu grande amigo."

A temporada paulistana durou dois meses e foi um sucesso, apesar (ou talvez por causa) do formato ousado: as peças acontecem simultaneamente, com o palco dividido ao meio e duas plateias, uma delas com fone de ouvido. "Se a idade já não me permite fazer coisas de grande esforço físico, tenho ao menos de buscar coisas diferentes", ri Walderez. "Os dois neurônios que restam deram conta do recado."

Por ser o teatro um ofício fisicamente desafiador, seguir em cena, a partir dos 70, exige, quase sempre, a coragem de lidar com algumas limitações. Ao ser convidada para fazer *A Vida Não É Justa*, Léa Garcia, de primeira, disse não. A atriz teve Chikungunya quatro anos atrás, e a doença deixou sequela, comprometendo sua mobilidade. Mas, depois de algumas conversas, ela cedeu aos pedidos do produtor Eduardo Barata e de Tonico Pereira, que dirige o espetáculo e adaptou as cenas com a atriz para deixá-la confortável, ao lado de Emiliano Queiroz, de 86 anos.

> "De início, estranhei. Eu, com 89 anos, vou fazer essa personagem?", conta Léa Garcia

Com 50 apresentações no Rio, temporada garantida em Niterói e convites para São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza, Barata vê com satisfação o fato de os dois idosos serem um dos motivos do sucesso do espetáculo. "São dois ícones do teatro brasileiro, e é uma honra contar com eles", diz. "Quando comentava que tinha convidado dona Léa e seu Emiliano, tinha gente que dizia: 'Mas eles não estão com dificuldade de locomoção'? E eu respondia: 'E daí? Teatro é vida, e a vida é imperfeita'. O palco deve ser um espaço de reflexão sobre o corpo do artista."

Barata fala com conhecimento de causa. Em janeiro, sua mulher, a atriz Françoise Forton, morreu de câncer, aos 64 anos. No período de UTI, ele viu o quanto a participação na leitura virtual de uma peça "deu oxigênio para ela enfrentar por um tempo a dor daquele momento". Dois

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 60

Fanatismo. As facadas em Salmon Rushdie são um ataque à própria liberdade

Reencontros. Walderez de Barros, 81, lotou o Sesc Pompeia, em São Paulo, com a montagem dupla de *As Três Irmãs* e *A Semente da Romã*. Léa Garcia, 89, e Emiliano Queiroz, 86, estão juntos em *A Vida Não É Justa*, no Teatro Laura Alvim, no Rio de Janeiro

ALE CATAN E REDES SOCIAIS

meses depois da perda, o produtor estreava *A Vida Não É Justa*: "O melhor presente que você pode dar a um artista é trabalho. Este espetáculo me salvou também".

Na peça, Léa Garcia interpreta três mulheres completamente diferentes, inspiradas no livro de mesmo nome, em que a juíza Andrea Pachá conta histórias de uma vara de família. Uma delas usa o codinome Molhadinha25 para trocar mensagens virtuais eróticas. "De início, estranhei. Falei: 'Mas eu, com 89 anos, vou fazer essa personagem?' Depois achei bom para mim, na condição de mulher negra, sair do universo de personagens estereotipados", observa Léa. "Ultimamente, só me chamavam para fazer mãe de santo ou papéis desse tipo. Agora foi para fazer, simplesmente, uma mulher."

A trajetória de Léa inclui o espetáculo *Orfeu da Conceição* (1956), e sua premiada adaptação para o cinema (*Orfeu Negro*, 1959), além da passagem pelo Teatro Experimental do Negro, com Abdias do Nascimento, pai de dois de seus três filhos. Embora veja pequenos avanços no que diz respeito à "visão de colonizador" na produção cultural, ela enxerga um longo caminho a ser percorrido. "Ainda acontece de roteiristas e diretores brancos quererem botar a gente de chinelo roto em cena", diz. "Mas estamos pavimentando a estrada para que outras atrizes negras mais velhas sejam respeitadas."

Léa contracena com Emiliano Queiroz em duas das histórias da peça. Além de fazer o marido de Molhadinha25, ele encarna um idoso casado há décadas, numa relação repleta de silêncios e momentos de solidão a dois. "Me emociono todos os dias. Olho para Léa e, muitas vezes, choro em cena, porque sei que essa é a realidade de muitos idosos", conta ele.

Com cerca de 300 trabalhos no currículo, entre teatro, cinema e tevê, Emiliano vê de forma pragmática a discussão sobre etarismo e a escassez de papéis para atores mais velhos. "É difícil encontrar bons

Vivências. Ana Lúcia Torre, 77, interpreta uma mãe viciada em morfina em *Longa Jornada Noite Adentro*, em cartaz no Tucarena, em São Paulo. *A Tropa*, com Otávio Augusto, 77, excursionou por oito cidades e agora está em cartaz no Petra Gold, no Rio

personagens na minha idade. Já fiz muito vovô", diz. "Talvez os jovens precisem fazer mais o exercício de pensar como querem ser tratados na velhice. A verdade é que ninguém costuma parar para se imaginar com 80 anos."

Ainda que o trabalho possa, de fato, ficar mais complicado com o passar dos anos, Ana Lúcia Torre pondera que "a qualquer época tentam puxar o freio de mão dos atores". Ela reflete: "Se fosse para se assustar com preconceito, atores não existiriam desde a Grécia Antiga". A atriz lembra que, na sua juventude, ainda "havia quase uma campanha velada dizendo que quem era ator não prestava". Hoje, tenta-se colar na classe teatral a imagem de adeptos da mamata com dinheiro público.

A melhor resposta vem em forma de trabalho. Presença constante na tevê, ela fez, durante a pandemia, a novela *Quanto Mais Vida, Melhor*, e estará em *Travessia*, de Glória Perez, no ar a partir de outubro – ambas na Globo. No teatro, como protagonista do texto mais celebrado de Eugene O'Neill, interpreta uma mãe viciada em morfina. "É uma personagem de forte desgaste físico e emocional, porque muda de humor em coisa de segundos, tem crises absurdas", descreve a atriz.

> "Agora valorizo mais do que nunca a oportunidade de estar no palco", diz Otávio Augusto

Apesar de ficar exausta, ela faz questão de, após o espetáculo, conversar com o público no saguão do teatro Tucarena, em São Paulo. Costuma ser procurada por gente sensibilizada por ter histórico de vício na família. "Em geral, são pessoas de idade, que, aliás, formam um público importante de teatro. Tenho a maior paciência nessas conversas, aprendo muito com elas", conta Ana Lúcia.

O espelhamento com a realidade é experimentado também por Otávio Augusto. Ele diz que, provavelmente, *A Tropa* segue em cartaz, após passar por oito cidades, por uma involuntária coincidência. O texto de Gustavo Pinheiro, premiado em um concurso do Centro Cultural Banco do Brasil em 2015, mostra o acerto de contas de um ex-militar viúvo e doente com seus quatro filhos, em um quarto de hospital. Apesar de ter sido escrito antes de o governo Bolsonaro tornar-se realidade, traz alguma discussão política.

"Digamos que deu uma atualizada por conta do atual contexto do País. Vem tendo uma repercussão muito grande, inclusive com aplausos em cena aberta", diz Augusto, sem disfarçar o orgulho. De volta ao Rio, a peça passou de uma para duas apresentações semanais, graças à alta procura.

"Tenho paixão pelo teatro, faço questão de não parar. A peça tinha sido interrompida pela pandemia, e agora estou me sentindo mais artista. Agora valorizo mais do que nunca a oportunidade de estar no palco", diz Otávio, resumindo, de alguma forma, o espírito dos colegas que também voltaram à cena. •

ESTRELA REVISITADA

A *Ocupação Tônia Carrero*, no Itaú Cultural, mostra a atriz em cena, mas também fora dela

Em comemoração ao centenário de nascimento de uma das maiores estrelas brasileiras, o Itaú Cultural, em São Paulo, exibe, desde o sábado 13, a *Ocupação Tônia Carrero*. A mostra reúne 230 peças, que incluem fotos, trechos de filmes, cartazes de peças e cadernos de anotações.

A curadoria resgatou, por exemplo, bilhetinhos endereçados a Tônia escritos pelo cronista Rubem Braga e pelo diretor Adolfo Celi, seu segundo marido. Outras figuras marcantes da cultura brasileira que atravessaram sua trajetória, como Carlos Drummond de Andrade, Bibi Ferreira e Tom Jobim, também surgem no espaço.

Isso sem se falar, é claro, em Paulo Autran, histórico parceiro de palco – ambos dividiram 25 montagens – e amigo de uma vida inteira.

Tônia estreou no cinema com *Querida Suzana* (1947) e participou de 19 filmes. No teatro, a primeira peça foi *Navalha na Carne*, em 1967. Na tevê, participou de 15 novelas.

Morta em 2018, aos 95 anos, a atriz ressurge, na mostra, tanto por meio de cenas vistas por muitos quanto por meio de detalhes de sua vida presenciados, até aqui, por quase ninguém.

– Por Ana Paula Sousa

O grande parceiro. Tônia com Paulo Autran, na peça *Esses Maridos*, montada em 1957 por Adolfo Celi

ACERVO TÔNIA CARRERO/ADOLFO CELI, ELISA MENDES E PRISCILA PRADE

Um *cellista* e seu arco sem-fim

MÚSICA Antonio Meneses lembra os 40 anos do prêmio no Concurso Tchaikovski, em Moscou, com um álbum dedicado às sonatas e canções de Brahms

POR EMMANUELE BALDINI*

Em um vídeo gravado 40 anos atrás, com uma câmera que enquadrava o solista e o maestro – este de costas – vemos um violoncelista de óculos e cabelos encaracolados executar as *Variações Rococó*, de Tchaikovski.

O músico era Antonio Meneses e a gravação ocorrera no dia 6 de julho de 1982. Na véspera, no Estádio Sarriá, em Barcelona, a Seleção brasileira havia saído da Copa do Mundo, vencida por uma Itália na qual nem os italianos mais fervorosos apostavam. Mas, naquele mesmo dia 6, outro ouro estava reservado para o Brasil: o de Meneses, vencedor do Concurso Tchaikovski, em Moscou.

O prêmio lançaria o jovem nascido no Recife, em 1956, em uma família de músicos, no panorama internacional. De lá para cá, o violoncelista tornou-se um mito da música clássica.

Ainda me lembro de um dos primeiros CDs que comprei, com Meneses tocando o *Concerto Duplo* de Brahms, ao lado da violinista Anne-Sophie Mutter, sob a regência de Herbert von Karajan, na Filarmônica de Berlim. O álbum, gravado pela Deutsche Grammophon, em 1982, trazia uma linda foto dos três artistas.

Ao longo da carreira de sucesso, Meneses, há muitos anos radicado na Suíça, rodou o mundo como solista das mais importantes orquestras, acompanhado por regentes lendários, como Abbado, Jansons, Previn e Rostropovich.

Viajante curioso e entusiasmado, lançou-se, em 1998, em uma nova aventura junto aos companheiros do Trio Beaux Arts, grupo histórico que, então, tinha acabado de perder seu violoncelista fundador Bernard Greenhouse. Meneses permaneceu no trio até 2008.

Foi nesse naquele período, na minha opinião, que seu crescimento musical e artístico foi mais profundo. No Beaux Arts, foi sendo construído, aos poucos, o refinado camerista como o conhecemos hoje.

Agora, em comemoração aos 40 anos da medalha de ouro e aos 65 anos de vida, nosso maior violoncelista lança novo álbum, gravado em 2021, no retorno do período mais duro do isolamento social: *Brahms – Cello Sonatas & Songs*, em duo com o pianista Gérard Wyss, parceiro de longa data.

> No CD, o artista abraça um dos mais preciosos repertórios para a formação piano e violoncelo

O CD sai pela Avie Records, do Reino Unido, com quem o violoncelista já havia trabalhado nas gravações, entre outras, das *Seis Suítes para Cello*, de Bach, dos trabalhos completos para piano e *cello* de Schubert, e no álbum *Elgar & Gál: Cello Concertos*, com a Royal Northern Sinfonia e Claudio Cruz, indicado ao Grammy.

Brahms – Cello Sonatas & Songs abraça um repertório dos mais preciosos para esta formação, o que nos permite ter como que uma fotografia instantânea da maturidade de ambos. A profundidade sonora com a qual abordam, por exemplo, o início da *Sonata nº 1 op. 38* diz muito sobre o álbum inteiro.

E se Meneses nunca se aproveita do domínio instrumental para elaborar efeitos especiais que possam impressionar, aqui sua essencialidade está ainda mais acentuada. O que ouvimos são leituras límpidas, como as águas dos lagos tão amados por Brahms.

Ao ouvir o segundo movimento da *Sonata nº 1*, eu estava à espera da parte central, com seu canto que parece não terminar nunca, e que sempre me provoca arrepios. E então tive mais uma revelação.

Com a simplicidade de sempre, a voz de tenor do *cello* de Meneses flutua acima do acompanhamento pianístico com uma liberdade que, de tão natural, oculta as decisões racionais tomadas pelos dois músicos.

Acho, aliás, que a grandiosidade de uma interpretação reside, exatamente, em não mostrar as dificuldades, os caminhos, as decisões tomadas, e apresentar uma ideia que quem escuta acha ser a única possível.

ACERVO PESSOAL E ALICE RODRIGUES/ FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Trajetória. À esq., o instrumentista em um concerto recente. Acima, com o maestro Herbert von Karajan, em 1984

Entre a primeira e a segunda sonatas, temos *7 Lieder*, que valoriza ainda mais a "cantabilidade" de Antonio Meneses. A sensação do arco sem-fim, de respiro único da primeira à última nota, é, obviamente, resultado de horas de estudo, mas ainda mais de anos de amadurecimento humano e profissional.

Essas canções evidenciam aquilo que me parece ser a virtude máxima para um instrumentista: ultrapassar os limites de seu instrumento e alcançar um canto livre, revelador de um universo musical sem barreiras. •

**Emmanuele Baldini é* spalla *da Osesp.*

Pelo direito de discordar

The Observer O esfaqueamento de Salman Rushdie, ocorrido nos Estados Unidos, foi também um ataque à democracia liberal e à própria liberdade

O direito de discordar é fundamental para o desenvolvimento humano, mas, ao longo da história, escritores e pensadores que ousaram desafiar as ortodoxias de seu tempo enfrentaram perseguição e violência. É preciso ter uma coragem extraordinária para persistir diante de ameaças mortais destinadas a intimidar, silenciar e aterrorizar.

Durante mais de 30 anos, Salman Rushdie recusou-se a ser intimidado por uma *fatwa* que pedia seu assassinato. A *fatwa*, emitida em 1989 pelo então líder supremo do Irã, aiatolá Ruhollah Khomeini (1902-1989), foi motivada pelo romance *Os Versos Satânicos* (1988), considerado, pelo governo muçulmano, ofensivo a Maomé.

O violento ataque a Rushdie, ocorrido na sexta-feira 12, durante uma palestra por ele proferida no anfiteatro de um centro cultural em Chautauqua, no estado americano de Nova York, não foi apenas um atentado hediondo à vida de um dos contadores de histórias mais perspicazes do mundo. Foi também um ataque ao direito de discordar, à democracia liberal e à própria liberdade.

Ainda mais chocante do que a *fatwa*, emitida quando a democracia parecia estar em ascensão, foi o fracasso dos defensores da democracia em ficar ao lado de Rushdie quando ele se viu forçado a se esconder, durante quase uma década, e seus amigos foram assassinados por fanáticos.

Muitos dos chamados liberais, incluindo políticos britânicos do alto escalão, pareciam mais preocupados em expressar simpatia por aqueles que ele ofendeu ou em dizer por que discordavam dele do que em condenar inequivocamente os que pediram sua morte ou queimaram o romance *Os Versos Satânicos*, na tentativa de proibi-lo na Grã-Bretanha.

Quando Rushdie foi condecorado cavaleiro, em 2007, pelos serviços prestados à literatura, alguns afirmaram que o título foi um grave passo em falso. É como se os ofendidos devessem ter o poder de veto sobre a celebração de talentos refinados.

As ameaças de violência contra quem desafia ideologias religiosas tornaram-se comuns

Embora tenha resistido ferozmente às tentativas de defini-lo por meio de ameaças à sua vida, Rushdie tornou-se um dos mais poderosos defensores da liberdade de expressão diante das culturas fortemente repressivas que tiveram permissão para florescer na direita e na esquerda políticas em países como Estados Unidos e Reino Unido.

Enquanto pessoas morrem lutando por suas liberdades em algumas partes do mundo, os direitos de liberdade de expressão são considerados por muitos não como coisas preciosas a ser protegidas da erosão, mas a ser tidas como fato consumado.

No entanto, como observou o escritor britânico Hanif Kureishi, "ninguém teria coragem hoje de escrever *Os Versos Satânicos* e, muito menos, de publicá-los".

Quando, em 2015, a revista satírica francesa *Charlie Hebdo* recebeu um prêmio de coragem do PEN Literary

O escritor nunca se deixou intimidar pela *fatwa* de 1989

ANTONIO NAVA/GOVERNO DO MÉXICO

Awards – America, alguns meses depois de oito de seus membros terem sido assassinados em Paris, por terroristas islâmicos, mais de 200 escritores proeminentes escreveram ao PEN, criticando-o por "valorizar seletivamente material ofensivo".

Na França, um professor foi decapitado em outubro de 2020 depois de usar desenhos satíricos do profeta Maomé em suas aulas. Na Grã-Bretanha, um professor foi obrigado a se esconder após receber ameaças à sua vida em circunstâncias semelhantes.

Ameaças de violência contra aqueles que desafiam ideologias religiosas e seculares tornaram-se comuns. Ainda que o governo britânico tenha expandido os poderes policiais sobre o direito de protestar, os tribunais entenderam que as forças policiais estão ameaçando, ilegalmente, indivíduos que expressam opiniões sobre temas em disputa na contemporaneidade. Nota-se também que denúncias mal-intencionadas a respeito de intolerância estão sendo usadas como arma para calar os dissidentes.

Dois anos atrás, Rushdie foi um dos signatários de uma significativa carta que procurava alertar para as consequências da crescente intolerância social à dissidência. O autor pagou um preço devastador por defender a liberdade de expressão.

Que este atentado à sua vida possa chocar os liberais complacentes, tirando-os de seu estupor. "No momento em que se declara que um conjunto de ideias é imune à crítica, sátira, escárnio ou desprezo, a liberdade de pensamento torna-se impossível", disse o escritor anglo-indiano, em 2005. Ele estava totalmente certo então, agora e sempre. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

RUSHDIE JÁ ESTÁ CONSCIENTE

O autor segue internado, em recuperação, mas conseguiu prestar depoimento à polícia

Embora siga internado, em estado que inspira cuidados, Salman Rushdie, ao longo desta semana, voltou a falar e, segundo notícias publicadas pelas agências internacionais, conseguiu, inclusive, prestar depoimentos de maneira "articulada" aos investigadores que apuram o atentado por ele sofrido em Nova York.

Em entrevista à CNN, um dos investigadores do caso afirmou ainda que o escritor segue em recuperação das severas lesões sofridas em decorrência do esfaqueamento ocorrido na sexta-feira 12. O agente literário de Rushdie havia dito que ele corre o risco de perder um olho e teve os nervos de um dos braços cortados.

As facadas – de dez a 15 – foram desferidas por Hadi Matar, de 24 anos. O criminoso subiu no palco no qual Rushdie se preparava para dar uma palestra e, logo após o ataque, foi preso em flagrante. Matar, que se diz inocente, foi indiciado por tentativa de homicídio de segundo grau e agressão.

Na segunda-feira, de acordo com as agências internacionais de notícias, o Ministério das Relações Exteriores do Irã negou ter qualquer tipo de envolvimento na ação.

O filme é protagonizado por Tony Ramos, Ary França e Cássio Gabus Mendes

Para tempos duros, um pitada agridoce

CINEMA EM *45 DO SEGUNDO TEMPO*, LUIZ VILLAÇA EVOCA O FUTEBOL PARA FALAR SOBRE OS AFETOS E A PASSAGEM DO TEMPO

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

Para quem, como o brasileiro, está vivendo tempos amargos, assistir a um filme agridoce serve ao menos de alívio. E é a isso que se propõe a fazer, em seu novo longa-metragem, Luiz Villaça, diretor que poderia ser chamado de "contador de histórias", título de um de seus trabalhos.

45 do Segundo Tempo, em cartaz desde a quinta-feira 18, evoca o futebol. Mas a paixão nacional aparece aqui, sobretudo, como símbolo da ideia de time, de jogar junto – possibilidade que ressurge na vida dos protagonistas.

O filme adota a fórmula quase sempre eficaz dos dramas sobre reencontros. Pedro (Tony Ramos) enfrenta dificuldades para manter aberto seu restaurante italiano. O convite para refazer uma fotografia tirada na inauguração do metrô de São Paulo, 40 anos atrás, leva-o a se reaproximar de dois amigos da adolescência.

Como era de se esperar, cada um seguiu um rumo distinto. Mariano (Ary França) virou padre e vive sendo tentado a largar o hábito para se atirar nos braços do pecado. Ivan (Cássio Gabus Mendes) tornou-se um empresário bem-sucedido e cínico, o que não o protege de uma baita crise familiar.

Em vez de fazer um balanço dos fracassos e das desilusões, *45 do Segundo Tempo* prefere o bom humor natural do gênero *feel-good movie*. Nem mesmo a morte recente do quarto colega da foto antiga ou a vontade de Pedro de pôr fim a tudo tornam o filme refém da ideia de crise, tão comum nos retratos geracionais.

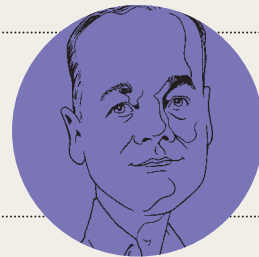
O tema do reencontro faz também estourar a bolha masculina da trama, dominada pela perspectiva dos três tiozões meninões. Uma viagem os leva a rever Soninha, antiga musa do trio, momento em que o filme é iluminado pela graça madura de Louise Cardoso.

Mais que os personagens e suas peripécias tragicômicas, o verdadeiro protagonista do filme é o tempo. Como representar, porém, essa ideia impalpável?

Villaça soluciona a dificuldade com uma cena aparentemente banal, em que o trio repete uma antiga ação. Com os atores sem camisa, exibindo os corpos numa situação que combina cumplicidade e intimidade, as imagens traduzem o tempo acumulado nas panças e peitinhos de homens maduros, algo que nossa cultura visual, pautada pela perfeição, prefere esconder sob roupas largas.

A cena também enriquece a interpretação limitada que se faz do termo "representatividade", ao incluir o envelhecimento nesta agenda. O reencontro torna-se, assim, um gatilho para cada personagem refletir sobre o que deixou para trás. Mas não faz isso no modo melancólico, lamuriando o tempo perdido. Olha para a frente, imaginando como aproveitar o ainda. •

DOWNTOWN FILMES/GLOBO FILMES

SIDARTA RIBEIRO

A flecha cortou a escuridão

▶ **No meu sonho, de início um pesadelo, descobrimos que o monstro, embora feio, era de papelão. Tóxico e perigoso, sim. Mas mole e sem solução**

Hoje sonhei como um danado. Sonho confuso, impressionante e bizarro, repleto de criaturas da mente. Sonho grande e misturado. Pedaços desencontrados, um fragmento de visão. Restos diurnos, trechos reverberados, estilhaços do passado a tecer algum futuro.

No início, por horas sem fim, apenas um pesadelo torpe e difuso. Era meia-noite de lua nova e, numa água viscosa e fétida, algo nefasto se movia: um monstro violento e faminto, meio verde, meio marrom, prestes a emergir do fundo da lagoa. Do lodaçal profundo, o horror espreitava. Um medo fora de tom estendeu-se pela noite. O Apocalipse. O Armagedom.

Esta cena durou uma eternidade, mas, finalmente, quando a madrugada começava a findar e surgiam os primeiros raios de sol, algo novo aconteceu. No canto esquerdo do cenário, um homem fazendo troça rimou, ao ritmo do pandeiro, uma glosa gostosa: *isso não vai me comprar, isso não vai te salvar, isso não vai me comprar, isso não vai te salvar*.

Esse homem era um feirante da boca rica que vendia quiabo, maxixe e limão. Ele foi rimando e trovando até que surgiu do chão, bem de mansinho, um senhor magrinho dançando coco, no sapatinho, o medo apartado dali. Potente e charmoso, ele dançava um outro sonho, uma outra emoção.

Nisso chegaram Beta, Bela, Fernanda e Mano, todos de faixa amarela para saudar o preto velho que mora lá. Seu nome era Moreira e ele pitava pango de Angola embaixo da gameleira, comendo araçá. Chegaram Lia e Daiara, Chico e Chicão, Aílton e Conceição, entoando o mesmo verso, cantando a mesma canção. Chegaram Janja e Jamelão, Mário e Lu, Ceci e Ju e toda a turma do fundão. Só depois chegou João.

Se abraçaram, cantaram e chamaram até que assomou na esquina um afoxé colorido. Era o saudoso Mestre Moa que chegava sorrindo, com a alegria dos meninos e o axé da cabaça. Tudo passa. Tocou seu atabaque e seu sino, a roda girou roseira e, do lodaçal, emergiu uma vitória-régia brasileira.

Em cima da flor enorme, um velho barbado e seminu sentava-se tranquilamente em posição de lótus – e seu corpo inteiro era azul. De olhos fechados e sorriso nos lábios, sonhava o nosso destino. Sonhou uma flor de buriti da qual emanava uma revolução de crianças plenamente dedicadas ao melhor de si. Sonhou prisões esvaziadas, escolas em ebulição – com professoras bem pagas e incentivo à formação. Sonhou pretas e pretos em festa, indígenas em celebração. Uma nação multiétnica depois de feita a reparação. Bons empregos para todos, forte rede de proteção.

Muita atenção à saúde, com foco na alimentação. Feijão, macaxeira e taioba. Mangaba, bacuri e melão. Amazônia de pé, proteção. Pantanal, Cerrado e Caatinga: Sertão. Universidade aberta, poderosa e com tesão. Ônibus elétrico, metrô acessível, bicicleta sempre que possível, poesia na estação. A ciência na cuca do povo, a arte do povo nas praças, a dança do povo nas pernas, o povo na televisão. A "frátria" amada em união. O sonho em flor rompendo o chão.

Mas então surgiu a sombra, a tempestade, o tufão. Os raios rasgavam o céu, as nuvens cobriam o chão. Era o monstro da lagoa, furioso e sem razão. Ele rugia com os dentes à mostra, com seu bafo de dragão: *a maldição não para nunca! Se entreguem à morte e à escravidão! Se entreguem à doença e à dor! Se entreguem à poluição! A maldição está bem viva: quem nasceu na América e na África jamais será feliz, até a última geração!*

E foi então que o céu se abriu e a lagoa, transbordando, virou mar. A vespa zuniu no ar, da flor nasceram coqueiros e de cada coco saiu um jaguar. Espíritos guardiões baixaram em revoada, o vento soprou sobre a manada e o tempo rodopiou em cada mão. Das bocas de cada jaguar saíram alertas de atenção: *chegou a hora da onça beber água, chegou o levante da nação.* E aí surgiu Mestre Bule-Bule, com seu cordel, viola e gibão: *Deus é bom e gosta da gente! Chega de grito e confusão.*

Assim as máscaras caíram e todos perceberam que o monstro, embora feio, era de papelão. Sujo, tóxico e perigoso, sim. Mas mole, podre e sem solução. Mero rejeito de esgoto, dejeto humano do lixão. Verde, opaco e marrom, mas feito de papel crepom.

Quando o céu, de repente, clareou à nossa frente, o monstro verde-oliva explodiu, feito bolha de sabão. O som saiu da boca do sapo e a flecha cortou a escuridão. A jibóia comeu o mito, o dia nasceu bonito, e despertei de supetão.

Vai passar. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Pretinha, a musa

▶ Em viagem pelo Ceará, para a Copa Estadual da Reforma Agrária, pude ver as pessoas, em todos os lugares, atrás de fotos e autógrafos da jogadora Danielle Felício

Mas a razão da explosão de luz foi a Pretinha. Foi impressionante, para dizer o mínimo, o reconhecimento da Pretinha por rigorosamente todos os lugares por onde passamos – dos aeroportos aos assentamentos de sem-terras no interior do Ceará.

Pessoas de todas as gerações, em todos os ambientes, acorriam à Pretinha em busca de autógrafos e fotos.

Pode ser que eu pareça ranzinza ou que esteja sendo chato ao bater na tecla de que o futebol, pelo menos entre nós, anda difícil de assistir. Mas sou, na verdade, um otimista. E tenho minhas razões para insistir nesse tema.

No outro dia, citei os três craques que sustentam a minha crença na arte do futebol: Ganso, do Fluminense, Gustavo Scarpa, do Palmeiras, e o uruguaio Arrascaeta, hoje meio-campista do Flamengo.

Vou continuar garimpando para encontrar mais alguns que se destaquem pelo bom trato com a "redonda". Se a bola tem essa forma é para ser tratada com carinho, para rolar no campo. A bola não foi feita para levar os pontapés que tem levado de alguns trogloditas que andam tão prestigiados.

Essa história vem de longe e passa pelas palavras de ordem que vão se sucedendo umas às outras. Mas essas palavras não bastam para disfarçar a truculência em moda. Fomos passando da tradicional marcação para outra pegada, marcada pela intensidade – são colocados, à frente do time, verdadeiros cães de guarda.

A má ideia de impedir o jogo contraria a própria essência do futebol, que é o gol – palavra de origem inglesa que significa meta, objetivo. Não há coisa mais chata que um jogo sem gols. Mesmo sendo a partida bem jogada, deixa um sentimento de frustração.

No fim das contas, se sobressaem aqueles que chamam a bola como Didi a chamava: "Ajeita a criança com carinho" ou "Mete uma curva que ela vai lá direitinho". Os exemplos são muitos. Só entre nós, no futebol contemporâneo, temos os exemplos de Maradona e Messi, os Davis na selva dos Golias gigantes.

Mesmo entre os zagueiros, encarregados de impedir o êxito dos atacantes, a história não nos deixa esquecer os maiorais Domingos da Guia e Nilton Santos – para citar apenas alguns dos nossos.

Esta semana, estive viajando pelo Ceará, convidado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para a abertura da 2ª Copa Estadual da Reforma Agrária, a ser disputada por 50 equipes masculinas e femininas de todos os assentamentos. O evento marcou um momento especial, com alegria muito própria daquele estado ensolarado.

Fui na companhia do Nando Antunes e da Pretinha – a Danielle Felício –, a brilhante pioneira da Seleção Brasileira de futebol feminino. Nando, o primeiro jogador brasileiro anistiado, dedica-se hoje, principalmente, à pintura, um de seus talentos, que só perde para a sua capacidade de construir um império de amigos. Mas a razão de toda a exaltação foi mesmo a Pretinha.

Presenciar essas cenas foi, para mim, uma revolução. Eu não tinha consciência da profundidade já alcançada pelo futebol feminino no Brasil. Me parece animadora a perspectiva do futebol mesclado, no qual tanto acredito.

Acredito também, cada vez mais, na proximidade da profissionalização do futebol integrado. Em tempos de respeito à diversidade, vejo como simples problema de adaptação, ou mesmo da aplicação rigorosa, das regras do "association".

Por falar nisso, abraçados pela conhecida hospitalidade cearense, tivemos a oportunidade de assistir ao "choque-rei" entre Ceará e Fortaleza, um espetáculo de vibração e beleza das torcidas não correspondido em campo pelas equipes. Ambos os times apresentaram o mesmo futebol pasteurizado que, por toda parte, tem dado a tônica.

A partida serviu, para mim, como a comprovação matemática deste momento. Houve tantos choques e quedas que o jogo teve 17 minutos de acréscimos (9 no primeiro tempo e 8 no segundo). Um jogador saiu de campo em uma ambulância. Nada diferente do que tem ocorrido Brasil afora.

A compensação veio logo em seguida, com a visita ao Centro de Treinamento e à sede do Ceará S.C., outra surpresa transformadora para mim. Trata-se de um clube bem estruturado, com os mais atualizados recursos da atualidade tanto em termos materiais quanto de conceitos. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Os cavaleiros do Apocalipse

▶ O crescimento das mortes decorrentes de infecções causadas por bactérias multirresistentes, nos EUA, faz soar o alarme de uma tragédia anunciada na medicina moderna

A profecia do apóstolo João, da vinda dos quatro cavaleiros do Apocalipse que antecederá o fim de todas as coisas na Terra, parece mais real que nunca.

Na atualidade, eles são representados pelo desastre climático, o desequilíbrio demográfico, as epidemias e, agora, a catástrofe do aumento da resistência das bactérias aos antibióticos disponíveis. Todos atingem diretamente o bem-estar e a saúde das pessoas, em todos os lugares.

O alarme voltou a soar esta semana, justamente nos Estados Unidos, um país rico que, teoricamente, controla melhor os problemas de saúde de sua população. Após uma redução clara (de mais de 30%) no número de óbitos decorrentes de infecções causadas por bactérias multirresistentes entre 2012 e 2017, houve, apenas em 2020, um crescimento dessas mortes em mais de 15%. A maioria dos pacientes estava internada em hospitais e unidades de terapia intensiva.

Em recente editorial publicado na prestigiosa revista médica *The Lancet*, os professores J. Patel e D. Sridhar, da Universidade de Edimburgo, no Reino Unido, atribuíram parte dessa tragédia à transferência da atenção das autoridades públicas para o combate à pandemia da Covid-19. Os autores estimam que esses dados preocupantes, vindos do Centro para Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, atingem um nível alarmante no resto do planeta.

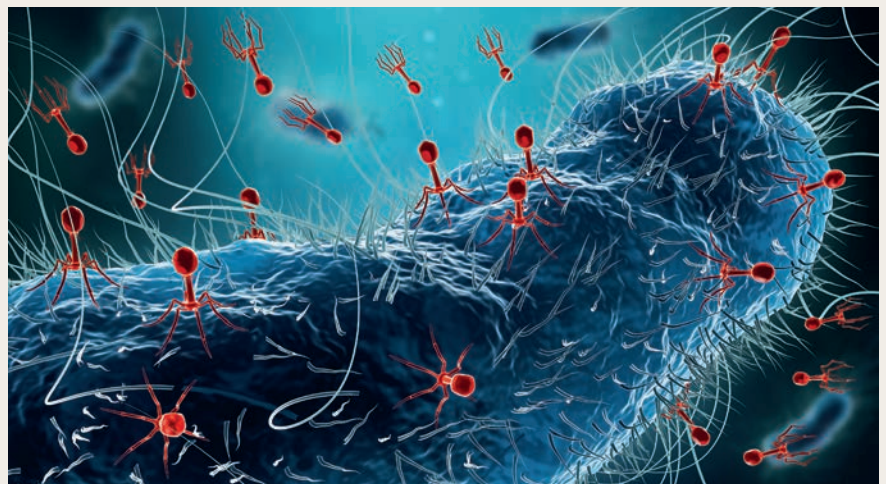
No Brasil, ainda não existem dados fidedignos da incidência e da mortalidade de infecções por bactérias multirresistentes em nível nacional. Algumas bactérias, caracterizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo CDC como críticas e urgentes, caso da *Acinobacter*, resistente ao forte antimicrobiano Carbapenem, tiveram aumento de 78% em sua incidência.

Isso representa um retrocesso monumental no esforço das últimas décadas de se controlar a disseminação desses micro-organismos fatais. O perigo dessa tendência, segundo os cientistas, estaria na "aceleração evolucionária na emergência de bactérias resistentes a multidrogas, extensivamente resistentes a muitas drogas, e até organismos panresistentes" – o que significa, na teoria, a incapacidade de controle da infecção por qualquer antibiótico conhecido.

Os autores alertam: "Na ausência de soluções inovadoras e sustentáveis, associada à facilidade e velocidade de disseminação desses agentes patogênicos mundialmente, a continuidade da medicina moderna está gravemente em perigo. Este revés tem de ser temporário e revertido".

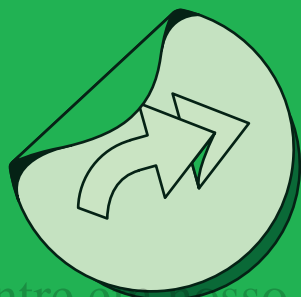
A solução para essa tragédia anunciada reside na coordenação efetiva de vários órgãos responsáveis pela saúde pública. É preciso criar estratégias efetivas para aumentar a capacidade de prevenção, detecção e erradicação dessas bactérias, além de evitar que se disseminem intra e interinstituições de saúde. Tais estratégias têm de ser entendidas e implementadas de forma transnacional.

A ação, ou inação, de qualquer governo afetará o futuro de todas as nações. Em ano de eleições, valeria a pena ouvirmos, de nossos candidatos nos diferentes níveis, o que planejam, se planejam, para atacar de frente e tentar mitigar as catástrofes anunciadas. Se não forem enfrentados, os modernos cavaleiros do Apocalipse estarão às nossas portas bem mais cedo do que imaginamos. E será o fim de todas as coisas. •

redacao@cartacapital.com.br

Antibióticos existentes são ineficazes contra alguns tipos de bactéria

BAPTISTÃO E ISTOCKPHOTO

PROIBIDO COMER
NESTE LOCAL

Vamos juntos combater as informações falsas.

O WhatsApp tem parceria com organizações independentes de checagem de fatos. Você encaminha uma mensagem e elas verificam se é verdadeira.

Conte também com o Tira-Dúvidas do TSE, um assistente virtual direto no seu WhatsApp, que pode te ajudar com as informações sobre as eleições.